

Utilize o texto abaixo para responder os testes de 1 a 5.

Dinossauros em tempos difíceis

A sobrevivência da espécie (dos escritores) e da cultura é uma boa causa

Minha vocação nasceu com a idéia de que o trabalho literário é uma responsabilidade que não se limita ao lado artístico: ela está ligada à preocupação moral e à ação cívica. Até o presente, esses fatores animaram tudo o que escrevi e, por isso, vão fazendo de mim, nesta época da realidade virtual, um dinossauro que usa calças e gravata, rodeado de computadores.

[...] Em nossa época se escrevem e publicam muitos livros, mas ninguém à minha volta - ou quase ninguém, para não discriminar os pobres dinossauros - acredita mais que a literatura sirva de grande coisa, a não ser para evitar que as pessoas se aborreçam muito no ônibus ou no metrô, e para que, adaptada para o cinema e a televisão, a ficção literária - se for sobre marcianos, horror, vampirismo ou crimes sadomasoquistas, melhor - se torne televisiva ou cinematográfica.

Para sobreviver a literatura tornou-se *light* - é um erro traduzir essa noção por "leve", porque, na verdade, ela significa "irresponsável" e, muitas vezes, idiota.

[...] Se o objetivo é apenas o de entreter e fazer com que os seres humanos passem momentos agradáveis, perdidos na irre realidade, emancipados da sordidez cotidiana, do inferno doméstico ou da angústia econômica, em descontraída indolência intelectual, as ficções da literatura não podem competir com as oferecidas pelas telas, seja de cinema ou de TV. As ilusões forjadas com a palavra exigem a participação ativa do leitor, um esforço de imaginação, e, às vezes - quando se trata de literatura moderna -, complicadas operações de memória, associação e criação, algo de que as imagens do cinema e da televisão dispensam os espectadores. E, por isso, os espectadores se tornam cada vez mais preguiçosos, mais alérgicos a um entretenimento que requiera esforço intelectual.

Digo isso sem a menor intenção beligerante contra os meios audiovisuais, e a partir de minha condição confessa de apreciador de cinema - vejo dois ou três filmes por semana - que também desfruta com prazer um bom programa de TV (essa raridade). Mas, justamente por isso, com o conhecimento de causa necessário para afirmar que nenhum dos filmes que vi, e me divertiram tanto, me ajudou a compreender o labirinto da psicologia humana como os romances de Dostoiévski - ou os mecanismos da vida social como os livros de Tolstoi e de Balzac, ou os abismos e os pontos altos que podem coexistir no ser humano, como me ensinaram as sagas literárias de um Thomas Mann, um Faulkner, um Kafka, um Joyce ou um Proust.

As ficções apresentadas nas telas são intensas por seu imediatismo e efêmeras por seus resultados. Prendem-nos e nos desencarceram quase de imediato - das ficções literárias nos tornamos prisioneiros pela vida toda. Dizer que os livros daqueles escritores entretêm seria injuriá-los, porque, embora seja impossível não ler tais livros em estado de transe, o importante de sua boa literatura é sempre posterior à leitura - um efeito deflagrado na memória e no tempo. Ao menos é o que acontece comigo, porque, sem elas, para o bem ou para o mal, eu não seria como sou, não acreditaria no que acredito nem teria as dúvidas e as certezas que me fazem viver.

(Mario Vargas Llosa, in: O Estado de S. Paulo, 1996)

1. Dos fragmentos seguintes, aponte aqueles que também atribuem à literatura uma função cívica e transformadora.

I “*As palavras escritas freqüentemente escoiceiam as verdades oficiais, como cavalos alados. Mordem os torturadores, atacam os corruptos e os burocratas, conduzidas pela ética de quem as organiza. Além disso, elas nos fazem sonhar; abrem portas, janelas, cofres, alçapões e caixas de Pandora; permitem que as flores nasçam em pleno asfalto; transformam o naufrágio da velhice num tempo de ventura, quando restam apenas o homem e a alma.*”

(Rodolfo Konder in O Estado de S. Paulo, 8/3/1999)

II “*Pertenço àqueles que ainda acreditam que livros impressos têm um futuro e que todos os receios ‘a propos’ de seu desaparecimento são apenas o exemplo derradeiro de outros medos ou de terrores milenaristas em torno do fim de alguma coisa, inclusive do mundo.*”

(Umberto Eco in Folha de S. Paulo, 14/12/2003).

III “*Heráclito disse — e já repeti isso em demasia — que ninguém desce duas vezes o mesmo rio. Ninguém desce duas vezes o mesmo rio, porque suas águas mudam. Mas o mais terrível é que nós não somos menos fluidos do que o rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra. Ademais, os livros estão impregnados do passado.*”

(Jorge Luis Borges, *Cinco Visões Pessoais* p.20. Editora UNB)

IV “*Oh!Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*”

(Castro Alves, *Obra Completa*. Ed. Nova Aguilar.)

- (a) I e IV
- (b) II e III
- (c) I e III
- (d) II e IV
- (e) III e IV

2. Assinale a alternativa que melhor corresponde à idéia central do texto de Mario Vargas Llosa.

- (a) Os meios audiovisuais diminuíram o poder da palavra escrita.
- (b) O papel cívico da literatura está na complexidade do conteúdo da obra e dispensa o leitor.
- (c) O avanço da tecnologia audiovisual contribuiu para a morte da literatura.
- (d) A literatura que não mobiliza o leitor torna-se estéril.
- (e) A literatura *light* possibilita a fuga da realidade objetiva.

3. “... me divertiram tanto, me ajudou a compreender o labirinto da psicologia humana como os romances de Dostoïevski— ou os mecanismos da vida social como os livros de Tolstoi e de Balzac, ou os abismos e os pontos altos que podem coexistir no ser humano, como ensinaram as sagas literárias de um Thomas Mann...”

Segundo o fragmento, a natureza humana é

- (a) insegura e instável.
 - (b) introspectiva e desequilibrada.
 - (c) solitária e imprevisível.
 - (d) efêmera e contrastante.
 - (e) complexa e ambígua.
4. A metáfora que dá título ao texto refere-se
- (a) ao papel secundário dos livros na sociedade imagética.
 - (b) ao anacronismo dos escritores clássicos.
 - (c) aos escritores que negam o caráter efêmero da literatura de entretenimento.
 - (d) ao desprestígio dos autores consagrados.
 - (e) aos escritores que tentam emocionar seus leitores.
5. “E, por isso, os espectadores se tornam cada vez mais preguiçosos, mais alérgicos a um entretenimento que **requiera** esforço intelectual.”

Sobre o verbo requerer é correto afirmar que

- a) segue o modelo do verbo querer; é irregular; o pretérito imperfeito do subjuntivo é requiesse.
- b) não segue o modelo do verbo querer; a 3ª pessoa do singular no pretérito mais que perfeito do indicativo é requierera.
- c) segue o modelo do verbo querer; a 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo é requiera.
- d) não segue o modelo do verbo querer; é regular em todos os tempos, a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo é requereu.
- e) não segue o modelo do verbo querer; mas é irregular nos tempos do subjuntivo.

Leia os fragmentos abaixo, extraídos da palestra proferida por Umberto Eco, na Biblioteca de Alexandria, para responder às questões de 6 a 8.

[...] O que pretendo fazer, hoje, é tentar desemaranhar uma mixórdia de receios entrelaçados acerca de problemas diversos. Clarear nossas idéias acerca desses problemas diversos pode também nos ajudar a compreender melhor o que, em geral, entendemos por livro, texto, literatura, interpretação e assim por diante. Desse modo, veremos como, a partir, de uma pergunta tola, se podem produzir muitas respostas sábias, e essa provavelmente é a função cultural de entrevistas ingênuas. Começemos com uma história egípcia, muito embora contada por um grego. Segundo Platão, em “Fedro”, quando Hermes — ou Thot, o suposto inventor da escrita — apresentou sua invenção para o faraó Thamus, este louvou tal técnica inaudita, que haveria de permitir aos seres humanos recordarem aquilo que, de outro modo, esqueceriam.

Mas Thamus não ficou inteiramente satisfeito. “Meu habilidoso Thot”, disse ele, “a memória é um dom importante que se deve manter vivo mediante um exercício contínuo. Graças a sua invenção, as pessoas não serão mais obrigadas a exercitar a memória. Lembrarão coisas não em razão de um esforço interior, mas apenas em virtude de um expediente exterior”.

[...] Na década de 1960, Marshall McLuhan escreveu seu livro “A Galáxia de Gutenberg”, no qual declarava que a maneira linear de pensar, respaldada pela invenção da imprensa estava em via de ser substituída por um modo mais global de percepção e de compreensão, por meio de imagens de TV ou de outros tipos de aparelho eletrônico. Se não McLuhan, certamente muitos de seus leitores apontaram o dedo para a tela da TV e depois para o livro impresso e disseram: “Isto vai matar aquilo”.

Se ainda estivesse entre nós, hoje, McLuhan seria o primeiro a escrever algo como “Gutenberg contra-ataca”. Sem dúvida, um computador é um instrumento por meio do qual é possível produzir e editar imagens, sem dúvida as instruções são fornecidas por ícones; mas também não há dúvida de que o computador se tornou, acima de tudo, um instrumento alfabético. Em sua tela, correm palavras e linhas escritas e, para usar um computador, é preciso saber ler e escrever.

(Folha de S. Paulo. Mais! 14/12/2003)

6. Sobre o emprego dos pronomes demonstrativos, na frase —“Isto vai matar aquilo.”— pode-se inferir que
- (a) tanto *isto* como *aquilo* generalizam e depreciam o caráter transitório dos meios de comunicação.
 - (b) *isto* designa o objeto próximo ao enunciador, enquanto o pronome *aquilo* refere-se ao objeto afastado geograficamente do enunciador e do interlocutor.
 - (c) os pronomes *isto* ou *aquilo* imprimem um sentido pejorativo aos seres nomeados.
 - (d) *isto* se refere à TV como o objeto do momento presente, enquanto *aquilo* imprime ao livro um caráter de objeto ultrapassado.
 - (e) o pronome *isto* faz referência ao que ainda será mencionado na oração, enquanto o pronome *aquilo* refere-se ao que já se mencionou.

7. “Se não McLuhan, certamente muitos de seus leitores apontaram o dedo para a tela da TV...”

A expressão se não mantém o mesmo sentido do texto quando substituída por

- (a) Não faz *outra coisa* exceto estudar.
- (b) Leve agasalho, *caso contrário* sentirá *frio*.
- (c) Criança pequena deve ser vigiada, *do contrário* se machuca.
- (d) São homens não apenas inteligentes, *mas também* honestos.
- (e) *Quando não* uma missão impossível, esta é, pelo menos, uma tarefa muito difícil.

8. Segundo o texto, Thamus, teme que

- (a) a escrita amplie a faculdade humana de pensar livremente.
- (b) a escrita entorpeça o poder da mente, ao fornecer ao homem uma memória gravada.
- (c) os egípcios, pela escrita, ampliem seus conhecimentos e libertem-se do jugo do faraó.
- (d) a escrita se torne uma ameaça ao poder, portanto a rejeita taxativamente .
- (e) a escrita, como qualquer nova invenção tecnológica, estimule as pessoas a se afastarem de suas obrigações cotidianas.

Leia este excerto do poema *Galáxias*, de Haroldo de Campos, para responder às questões de 9 a 13.

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie de viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever mil páginas escrever milumapáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabar começar com a escritura por isso recomeço por isso arremesso por isso teço e escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites milumapáginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas mesmam ensimesmam onde o fim é o começo onde o escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo descomeço desconheço e me teço um livro onde tudo seja fortuito e forçoso um livro onde tudo seja não esteja seja um umbigodomundolivro um umbigodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo...

9. Em qual das alternativas, há, no fazer poético, a preocupação com a forma, como no fragmento “e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso...”?

(a) “Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”

(Olavo Bilac)

(b) “Eu sonho com um poema
cujas palavras sumarentas escorram
como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
um poema que te mate de amor
antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:
basta provares o seu gosto...”

(Mario Quintana)

(c) “O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente.”

(Fernando Pessoa)

(d) “Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ouro,
Para a gente sertaneja
É perdido esse tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.”

(Patativa do Assaré)

(e) “Penetra surdamente no reino das palavras
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intacta.”

(Carlos Drummond de Andrade)

10. Sobre o poema concreto de Haroldo de Campos só **não** é possível afirmar que

- (a) há a quebra da sintaxe convencional e abandono do verso e da métrica.
- (b) a ausência dos sinais de pontuação permite a interação do leitor.
- (c) há uma organização seqüencial não linear.
- (d) a inovação do poeta concreto consiste em escrever sobre o ato de escrever.
- (e) estão presentes as funções poética e metalingüística.

11. Uma das figuras de linguagem presentes no poema é a aliteração, como exemplifica este fragmento: “...o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites milumapáginas ...”

Assinale a alternativa em que **não** há aliteração.

- (a) “De sino em sino
o silêncio ao som
ensino.”

(Paulo Leminski)

- (b) “Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!”

(Fernando Pessoa)

- (c) “Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança”

(Castro Alves)

- (d) “No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!”

(Luís de Camões)

- (e) “Sou Ana, da cama,
da cana, fulana, bacana
Sou Ana de Amsterdam...”

(Chico Buarque de Holanda)

12. Sobre o poema de Haroldo de Campos só **não** é possível afirmar que

- (a) o poeta revê as tradicionais oposições verso/prosa, parte/todo, começo/fim.
(b) a referência à narrativa universal *As mil e uma noites* reforça o poder da palavra.
(c) a importância da palavra impressa é realçada pelas expressões: umbigodomundolivro, umbigodolivromundo, ensimesmam, milumapáginas.
(d) o ato de escrever pressupõe a escolha criteriosa das palavras.
(e) A metáfora viagem, presente no poema, refere-se à jornada da criação artística.

13. Haroldo de Campos, em *Galáxias*, cria neologismos, assim como Manuel Bandeira, no poema intitulado *Neologismo*:

*“Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.”*

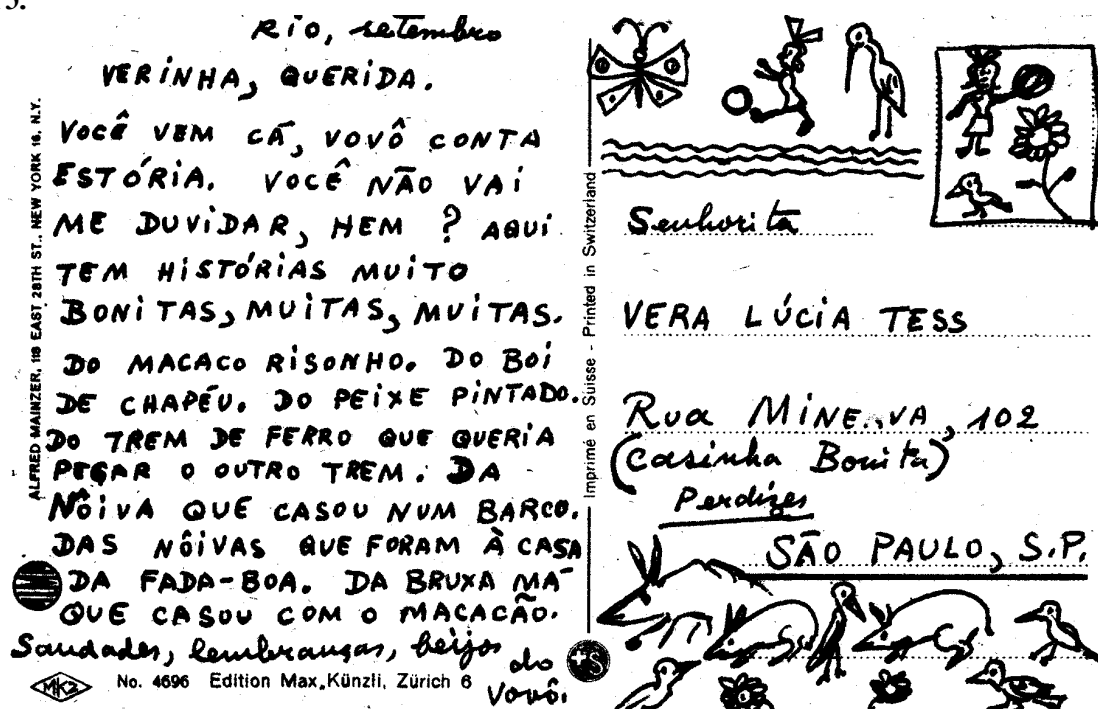
Considere as seguintes afirmações.

- I. Em Bandeira e em Haroldo de Campos, a criação de neologismos tem por objetivo a exploração do significante como recurso expressivo.
- II. O neologismo Teadorar, verbo intransitivo, intensifica o sentimento amoroso do poeta, por unir em um só vocábulo o nome da mulher amada, o objeto e a ação verbal.
- III. Haroldo de Campos e Bandeira, poetas concretistas, acreditam que os neologismos possibilitam a tradução emocional do eu lírico.
- IV. Tanto Bandeira quanto Haroldo de Campos renovam a sintaxe, ao criarem neologismos.

Das afirmações acima estão corretas

- (a) I, III e IV.
- (b) I, II e IV.
- (c) II, III.
- (d) I e IV
- (e) I e II

Abaixo está reproduzido um cartão postal que integra a correspondência entre Guimarães Rosa e sua neta Vera Lúcia Tess. Leia-o para responder às questões 14 e 15.



14. Sobre o texto só não é correto afirmar que

- Guimarães Rosa constrói um código íntimo de comunicação, restrito à criança e ao avô.
- cria um contexto infantil possível de reconhecimento pela criança por meio da renovação sintática, da escolha lexical, do ritmo e da imagem.
- o universo infantil é recriado pela linguagem não verbal, expressa nos desenhos e nos tipos de letra empregados.
- a menção aos contos de fadas é também um recurso persuasivo do enunciador.
- o encadeamento sintático, estabelecido pelos pronomes relativos configura a relação de dependência entre os pares: trem e outro trem; noivo e noiva; bruxa má e macacão.

15. Sobre o fragmento “você vem cá, vovô conta estória” é correto afirmar que

- o emprego do modo imperativo é um recurso do enunciador para convencer a criança a visitar o avô.
- o mesmo fragmento encadeado por conectivos subordinativos pode corresponder a *se você vir aqui, o vovô contará estória*.
- o mesmo fragmento encadeado por conectivos subordinativos pode corresponder a *quando você vier aqui o vovô conta estória*.
- o emprego do indicativo em “você vem cá, vovô conta estória” justifica-se porque a vinda da criança é um fato hipotético.
- a presença da vírgula entre as orações justifica-se para isolar o vocativo, elemento indispensável aos textos de correspondência.

PASSAGE ONE

Great inventions generally fall into one of two categories: some are the product of a single person's creative mind, descending on the world suddenly like a bolt out of the blue; others – by far the larger group – are the end product of a long evolution of ideas that have fermented in many minds over decades, if not centuries. The invention of logarithms belongs to the first group, that of the calculus to the second.

It is usually said that the calculus was invented by Isaac Newton (1642-1727) and Gottfried Wilhelm Leibnitz (1646-1716) during the decade 1665-1675, but this is not entirely accurate. The central idea behind the calculus – to use the limit process to derive results about ordinary, finite objects – goes back to the Greeks. Archimedes of Syracuse (ca. 287-212 B.C.), the legendary scientist whose military inventiveness is said to have defied the Roman invaders of his city for more than three years, was one of the first to use the limit concept to find the area and volume of various planar shapes and solids. For reasons that we shall soon see, he never used the term *limit*, but that is precisely what he had in mind.

Elementary geometry allows us to find the perimeter and area of any triangle, and hence of any polygon (a closed planar shape made up of straight line segments). But when it comes to curved shapes, elementary geometry is powerless. Take the circle as an example. In beginning geometry we learn that the circumference and area of a circle are given by the simple formulas $C = 2\pi r$ and $A = \pi r^2$, respectively. But the seeming simplicity of these formulas is misleading, for the constant π appearing in them – the ratio of the circumference of a circle to its diameter – is one of the most intriguing numbers in mathematics. Its nature was not fully established until late in the nineteenth century, and even today some questions about it remain unanswered.

Maor, E. e: *The Story of a Number*. Princeton University Press, Princeton, N. J., 1994, p. 40.

Please answer the following questions by choosing the alternative that best corresponds to what is contained in the preceding passage:

16. The exact nature of π :

- (a) Was completely determined over one hundred years ago.
- (b) Is simple, but misleading.
- (c) Is well known, but only when one is computing the circumference and the area of a circle.
- (d) Is not entirely known even at present.
- (e) Has not been recognized as a significant mathematical fact.

17. As an invention, that of the calculus can be classified as:

- (a) Having occurred as quickly and unexpectedly as a lightning bolt.
- (b) Having been disputed between Leibnitz and Archimedes.
- (c) Something that was not very accurate in the beginning.
- (d) Possible only after the logarithm had been invented.
- (e) The result of contributions of many people during a long period.

18. The foundations of calculus appear to have been conceived:

- (a) When Archimedes first employed the notion of limit.
- (b) In meetings between Isaac Newton and Gottfried Leibnitz.
- (c) Probably in the sixteenth century.
- (d) When Archimedes was occupied defending Syracuse from the Romans.
- (e) As a solution to pressing military needs.

PASSAGE TWO

As recent power struggles at Shell and Hollinger International have amply shown, well-organised and determined non-executive directors can be a powerful force to improve corporate governance by reining in over-mighty chief executives. In most rich countries, efforts are under way to make that force more reliable. Better governance, it is argued, comes from making non-executive directors more independent and giving them more work to do. But actually, that is only part of the answer – and has drawbacks. Much the most important change is to find ways of encouraging non-executive directors to behave independently. And that, perhaps surprisingly, turns out to be easier than it sounds.

Being a non-executive director – as opposed to a board member who is also part of the company's management – used to be a lovely job for distinguished folk with a little time to spare. A retired chief executive, a politician whose career had run out of steam, a lawyer; a seat on a company's board was a way to boost earnings and earn modest distinction. That cosiness changed with Enron: in the intervening years, regulators in most rich countries have placed new demands on directors. Directors themselves are more aware of the risk to their reputation. And, by common consent, the mood on boards is different. Non-executive directors take their task more seriously than ever before.

Of course, that is not true everywhere. The scandal at Parmalat is a reminder that there are still large companies in developed countries where the old regime has survived. The company's board bulged with members of the Tanzi family and bigwigs from Parma. The company opted out of a law that demands that listed Italian companies have independent directors on the board. Before the scandal broke in December, Parmalat's practices had put it at the bottom of Italian peers in a governance rating issued by Institutional Shareholders Service, a group that promotes good governance.

“Where's all the fun gone?” *The Economist*, March 20, 2004, p. 75.

Please answer the following questions by choosing the alternative that best corresponds to what is contained in the preceding passage:

19. Before the recent scandals involving companies such as Enron and Parmalat, the job of an outside director used to be seen as:

- (a) Very risky, but poorly paid.
- (b) An appropriate job for active politicians.
- (c) A job that could only be adequately performed if one was also a member of the company management.
- (d) A job not well regarded by the individual director's own peers.
- (e) The perfect job for someone with lots of time available.

20. As a method for improving the governance of corporations:

- (a) The inclusion of independent directors is the ideal solution.
- (b) One needs to stimulate outside directors to act independently.
- (c) The company has to avoid nominating family members to the board of directors.
- (d) There must fewer demands on the outside director's job.
- (e) Directors at companies such as Enron and Parmalat must be severely punished.

21. In Italy, the legislation gave Parmalat leeway to:

- (a) Choose not to nominate outside directors to its board.
- (b) Minimize the participation of family members in its board of directors.
- (c) Put itself at the top of corporate governance rankings.
- (d) Promote the implementation of good governance practices.
- (e) Place few demands on outside directors.

22. Better corporate governance will result only when:

- (a) Companies restrict the participation of controlling shareholders' family members on the board of directors.
- (b) Competent and knowledgeable lawyers are nominated to boards of directors.
- (c) Better corporate governance rankings are constructed.
- (d) Outside directors learn how to act independently.
- (e) Less risk-averse directors are nominated to boards of directors.

PASSAGE THREE

Advantage is gained in war and also in foreign policy and other things by selecting from many attractive or unpleasant alternatives the dominating point. American military thought had coined the expression “Over-all Strategic Objective.” When our officers first heard this, they laughed; but later on its wisdom became apparent and accepted. Evidently this should be the rule, and other great business be set in subordinate relationship to it. Failure to adhere to this simple principle produces confusion and futility of action, and nearly always makes things much worse later on.

Personally I had no difficulty in conforming to the rule long before I heard it proclaimed. My mind was obsessed by the impression of the terrific Germany I had seen and felt in action during the years of 1914 to 1918 suddenly becoming again possessed of all her martial powers, while the Allies, who had so narrowly survived, gaped idle and bewildered. Therefore, I continued by every means and on every occasion to use what influence I had with the House of Commons and also with individual Ministers to urge forward our military preparations and to procure allies and associates for what would before long become again the Common Cause.

One day a friend of mine in a high confidential position under the Government came over to Chartwell to swim with me in my pool when the sun shone bright and the water was fairly warm. We talked of nothing but the coming war, of the certainty of which he was not entirely convinced. As I saw him off, he suddenly on an impulse turned and said to me, “The Germans are spending a thousand million pounds sterling a year on their armaments.” I thought Parliament and the British public ought to know the facts. I, therefore, set to work to examine German finance. Budgets were produced and still published every year in Germany; but from their wealth of figures it was very difficult to tell what was happening. However, in April, 1936, I privately instituted two separate lines of scrutiny. The first rested upon two German refugees of high ability and inflexible purpose. They understood all the details of the presentment of German budgets, the value of the mark, and so forth. At the same time I asked my friend, Sir Henry Strakosch, whether he could not find out what was actually happening.

Churchill, W. S. *The Gathering Storm*. Houghton Mifflin Company, Boston, 1948, p. 225-226.

Please answer the following questions by choosing the alternative that best corresponds to what is contained in the preceding passage:

23. In the interwar period, Churchill’s attitude towards German rearmament can be described as:

- (a) Indifferent and relaxed.
- (b) Confidential and secretive.
- (c) Concerned and worried.
- (d) Cynical and sarcastic.
- (e) Advantageous and beneficial.

24. Churchill apparently confirmed his own worst estimates of German rearmament when:

- (a) He proposed to the British government the formulation of a Strategic Objective.
- (b) He was swimming in his pool with a friend.
- (c) He received confirmation of German military expenditures.
- (d) He discovered that one of his friends could not find out what was actually happening in Germany.
- (e) The first war ended in 1918.

25. In Churchill's view, a nation can gain advantage in foreign relations when:

- (a) All the government ministers involve themselves with military preparations.
- (b) A central principle of action is chosen and strictly followed.
- (c) It conforms to the rules it decides to proclaim.
- (d) It is able to have access to budgetary information on its principal potential enemies.
- (e) It collects relevant information from various authoritative sources.

26. O atentado de 11 de março de 2004 nos trens metropolitanos em Madri trouxe uma nova onda de medo e insegurança ao cenário mundial. Primeiro foram os EUA, em 11 de setembro de 2001, agora é a vez da Europa sentir na pele a vulnerabilidade diante de um grande ataque terrorista. O governo espanhol, num primeiro momento, e para muitos precipitadamente, culpou o grupo ETA como o responsável pelo atentado. Essa forte suspeita recaiu sobre esse grupo pelo fato:

- (a) do ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade), grupo separatista basco de clara tendência stalinista-leninista, ser o responsável nos últimos 40 anos por vários ataques terroristas em solo espanhol, que já mataram mais de 800 pessoas.
- (b) da Espanha ter auxiliado os EUA e a Inglaterra na guerra contra o Iraque (2003), guerra essa contrária aos interesses islâmicos e de uma facção do grupo separatista basco ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade).
- (c) do ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade), grupo nascido em 1959 com o objetivo de recuperar por via armada a autonomia e a independência das províncias bascas no norte da Espanha perdidas na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), ser o responsável nos últimos 40 anos por violentos ataques terroristas dentro da Espanha.
- (d) da Espanha vivenciar nos últimos 40 anos de sua história violentos ataques terroristas assumidos pelo ETA, grupo separatista basco, que cada vez mais se pretende integrado aos movimentos revolucionários internacionais, como o IRA e as Brigadas Vermelhas Italianas, o que define claramente sua ligação com a Al-Qaeda.
- (e) do ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade), grupo fundado na década de 1940, e que em sua história vivenciou o surgimento de novas facções como o ETA V (1966) e o ETA-M (1975), alas militares que se pretendem integradas aos movimentos revolucionários internacionais e que trouxeram mais mortes e violência à Espanha nos últimos anos.

27. *“Não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade das suas esperanças. Os rosários não podem ser erguidos contra aqueles que reclamam a discriminação da propriedade da terra, hoje ainda em mãos de tão poucos, de tão pequena minoria.”*

(Discurso proferido por João Goulart no dia 13 de março de 1964 na Central do Brasil.)

Em seu famoso comício da Central do Brasil, João Goulart faz uma referência à “Cruzada do Rosário”, lançada nos EUA em 1945, que propunha o uso do símbolo católico contra o avanço comunista. Esta campanha, que atingiu outros lugares do mundo, chegou ao Rio de Janeiro em 1962. Em decorrência desse comício:

- (a) marchas lideradas pelas entidades IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) se articularam a favor de Jango chegando a reunir 100 mil pessoas na Praça da Sé e 500 mil no comício da Guanabara.
- (b) entidades femininas como a Camde (Campanha da Mulher pela Democracia), a Limde (Liga da Mulher Democrata) e a UCF (União Cívica Feminina) se opuseram ao discurso da Central do Brasil e auxiliariam na campanha de desestabilização do governo João Goulart.

- (c) estudantes da UNE (União Nacional de Estudantes) e da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), se posicionaram a favor de João Goulart, assim como importantes entidades femininas que enxergavam nas reformas um maior espaço político para a mulher brasileira.
- (d) as esquerdas e os udenistas apoiaram o discurso de Jango e se posicionaram a favor das reformas de base propostas pelo governo, entre elas a legalização do Partido Comunista, a extensão do voto aos analfabetos e a realização da Reforma Agrária.
- (e) o exército brasileiro, que naquele momento possuía uma grande articulação política, rapidamente se uniu numa conspiração centralizada e coordenada, e planejou a Revolução de 64, antevendo um governo militar que duraria mais de 20 anos.

28. Conhecidos como floresta de mangue ou simplesmente mangues, os manguezais espalham-se pela zona tropical de todo o mundo, numa área aproximada de 20 milhões de hectares. Só no Brasil existem cerca de 25 km² distribuídos por toda a sua faixa litorânea, desde o Amapá até Santa Catarina.

Sobre os manguezais:

- (a) são áreas de pouco interesse para a ocupação humana e portanto se mantêm preservadas ao longo de uma extensa faixa litorânea no Brasil.
- (b) são encontrados nesse ambiente certos caranguejos e ostras que se deslocam para essa área apenas em uma fase de suas vidas, mas a maior parte da fauna é composta por animais marinhos que passam toda a sua vida nesse ambiente.
- (c) são áreas que recebem uma grande quantidade de sedimentos e em consequência disso seu solo, rico em matéria orgânica, é firme, permitindo a fixação de árvores.
- (d) a preservação desse ecossistema pode trazer grandes benefícios ao homem, que pode aproveitá-lo economicamente através da agricultura, da extração de madeira e de seu uso para áreas industriais e urbanas.
- (e) é um ecossistema de importante produtividade, e que apesar de estarem preservados em alguns Parques Estaduais, como o da Juréia, já desapareceram quase por completo em Santos, no Rio de Janeiro, em Paranaguá e na Baía de Todos os Santos.

29. O movimento constitucionalista de 1932, através de suas lideranças oligárquicas, utilizou uma vasta mobilização ideológica como forma de transformar a “causa de São Paulo” na causa de todos os grupos da sociedade paulista.

Sobre o ideário de 32 destaca-se:

- (a) o papel da mulher paulista, enaltecida pela sua abnegação, desprendimento e espírito de renúncia ao mandar seus filhos, maridos e noivos para as frentes de batalha, independente de seu lugar na sociedade, fossem damas ou filhas do povo.
- (b) o papel do clero paulista, que lutou de armas nas mãos contra a ditadura de Getúlio Vargas, enaltecido por ter defendido os direitos da “gente de São Paulo”, e por falar em nome do povo e das massas em geral.

- (c) a constituição, restabelecê-la foi a bandeira do movimento; em torno desse tema mobilizou-se apenas São Paulo que propunha uma dura intervenção em todo o país para sua implantação.
- (d) a campanha do ouro, que atingiu indistintamente todas as classes sociais, ressaltando o valor moral das doações e valorizando mais o ouro vindo das altas camadas paulistas, demonstrando o desprendimento desse grupo.
- (e) o papel da criança paulista, que em várias propagandas chamava seus pais a participarem a favor da causa paulista, por suas vidas e pelo seu futuro, e chegando a se unir aos pais nas frentes de batalha.

30. O México, em 1910, foi palco de uma revolução sem um programa prévio, ao contrário da Revolução Bolchevique de 1917. Uma revolução nascida do descontentamento popular com o governo de Porfirio Díaz, baseado na grande propriedade, na ausência de liberdades democráticas e na negação das fortes tradições indígenas do país.

Sobre essa revolução é correto afirmar:

- I) que ela nasceu da fome de terras, devido à extrema concentração de terras em pouquíssimas mãos, expressa em um grito: “**Tierra y libertad**”.
 - II) que nela participou Emiliano Zapata, descendente de índios e espanhóis, líder popular que enfrentou tropas federais no sul e no norte do México e foi assassinado em 1919.
 - III) que dela nasceu um grupo de jovens pintores dispostos a expressar o espírito revolucionário em grandes murais nos prédios públicos, entre eles **Orozco** (1883-1949), **Siqueiros** (1896-1974) e **Rivera** (1886-1957).
 - IV) que nela participou Pancho Villa, autor do **Plano de Ayala**, um manifesto pela reforma agrária que se tornou um símbolo de luta pela terra em toda a América Latina.
- (a) I e II são verdadeiras.
 - (b) II e III são verdadeiras.
 - (c) I e III são verdadeiras.
 - (d) I, III e IV são verdadeiras.
 - (e) I, II e III são verdadeiras.

31. Abril de 2004 marcou o aniversário de dez anos do genocídio ocorrido em Ruanda. Os culpados ainda não foram devidamente julgados e as cicatrizes ali abertas estão longe de serem curadas. Para muitos especialistas a comunidade internacional, na época, se posicionou de forma indiferente e até hoje deve explicações ao mundo sobre essa postura.

Entre os acontecimentos deste genocídio temos:

- (a) os cem dias de mortes e mutilações realizadas pela minoria étnica tutsi sobre a maioria hutu, logo após o assassinato do presidente hutu Juvenal Habyarimana, morte causada pela FPR (Frente Patriótica de Ruanda).

- (b) os cerca de 800 mil mortos em cem dias, após a explosão do avião que levava o presidente de etnia tutsi Juvenal Habyarimana, acarretando uma verdadeira guerra civil entre todos os ruandeses.
 - (c) a participação da Frente Patriótica de Ruanda (FPR) no assassinato do presidente Habyarimana, de etnia tutsi, o que levou os extremistas tutsis a conclamarem o povo a se vingar da maioria étnica hutu.
 - (d) o ataque à minoria tutsi, cerca de 800 mil mortos, pela maioria hutu, ocorrido após a explosão do avião do presidente hutu Habyarimana, e o assassinato de hutus moderados que se recusaram a participar do genocídio.
 - (e) a participação de cidadãos comuns munidos de facões, ganchos, machados e espingardas que assassinaram e saquearam as casas de seus vizinhos, numa verdadeira guerra étnica entre a maioria tutsi e a minoria hutu.
32. Em 1859 Charles Darwin publicou seu livro **A origem das espécies**. Nesta obra o autor defendia a tese de que a seleção natural determina quais membros de uma espécie têm maiores chances de sobrevivência. A aplicação das idéias de Darwin às teorias sociais trouxe:
- (a) uma grande inquietação no meio religioso, que via em suas afirmações a possibilidade dos fiéis se afastarem da prática de tomar a Bíblia como uma referência em questões científicas.
 - (b) uma justificativa na divisão na existência de um mundo desenvolvido e um outro subdesenvolvido, onde a teoria da evolução explicaria a necessidade do auxílio mútuo, entre os povos, como meio de todos atingirem o mesmo patamar de desenvolvimento.
 - (c) a certeza de que a colonização da Ásia e da África era necessária para o implemento de uma sociedade socialista, capaz de caminhar rumo ao progresso e de chegar ao ápice da civilização.
 - (d) o discurso da divisão entre os povos capazes e os incapazes, as raças superiores e inferiores que estariam numa constante luta pela sobrevivência, levando à conclusão de que o conflito racial e nacional era uma necessidade biológica e um meio para o progresso.
 - (e) o fortalecimento do nacionalismo, do militarismo, da divisão entre brancos e negros, colonizadores e nativos, e onde o famoso tema do “fardo do homem branco” teve lugar durante todo o século XX, permanecendo até os dias de hoje.
33. Após um ano da queda de Saddam Hussein, encontramos um Iraque com uma insurgência crescente e um alto índice de violência. Em abril de 2004 a capital Bagdá ainda desfruta de apenas 12 horas de eletricidade por dia, e os soldados da coalizão não conseguem manter a frágil estabilidade conquistada um ano atrás. As cidades de Kut, Kufa, Fallujah e Najaf sofreram ataques de insurgentes sunitas, partidários do ex-presidente Hussein, e da milícia xiita Exército Mehdi. O saldo foram as mortes de 460 iraquianos e 51 soldados da coalizão. Os jornais de todo o mundo já falam de um novo Vietnã ou de uma intifada iraquiana.

Isso se refere respectivamente:

- (a) à presença dos EUA no Vietnã, entre 1964 e 1975, que só teve um fim pela pressão da opinião pública americana ao então presidente Nixon, que tempos depois foi preso por corrupção, e ao levante popular israelense que levou o conflito na faixa de Gaza ao conhecimento de toda a comunidade internacional e, onde a partir de então, o mundo se dividiu entre a causa palestina e a israelense.
 - (b) a uma guerra que durou de 1964 a 1975, a Guerra do Vietnã, onde os EUA, apesar do seu poderio bélico, foi derrotado pela guerrilha vietnamita e pelo grande impacto da cobertura televisiva sobre a opinião pública americana, e ao levante popular palestino contra a ocupação israelense na Faixa de Gaza, em dezembro de 1987, onde o exército de Israel foi atacado com paus e pedras e que chamou a atenção da comunidade internacional para a causa palestina.
 - (c) à participação dos EUA na guerra entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, guerra terminada em 1975, depois de muitas baixas de soldados americanos, com a vitória norte-americana, e ao levante americano no Camboja, na década de 1950, onde a população cambojana se posicionou contrária à invasão americana em seu território, mas foram derrotados pelos fuzileiros navais americanos.
 - (d) à defesa americana da cidade de Saigon, que se posicionava contrária à presença comunista dentro do Vietnã e que, apesar da ação popular vietnamita, conseguiu ser libertada em 1975, e ao levante palestino contra a ocupação israelense, realizada na década de 1970 e que teve uma ampla divulgação na mídia a ponto de, a partir de então, iniciar um longo debate sobre a possibilidade da fundação de um Estado Palestino.
 - (e) ao irracionalismo que foi a guerra do Vietnã, onde cerca de 50 mil soldados americanos perderam suas vidas na luta contra o comunismo e os EUA tiveram um prejuízo de 200 bilhões de dólares, e ao levante palestino, apoiado também pelos EUA, e que busca até hoje chegar a um acordo de paz entre judeus e palestinos na região da faixa de Gaza.
34. *“Não é fácil abastecer centros populacionais nascidos quase da noite para o dia. Havia gente demais para ser alimentada, vestida, calçada e abrigada. O abastecimento das minas tornou-se um problema que por vezes se apresentou quase insolúvel, sobrevivendo crises agudíssimas de fome, decorrentes da total carência de gêneros mais indispensáveis à vida”. (...) “Pela primeira vez no Brasil apareceu intenso comércio interno de artigos de subsistência: a circulação dos gêneros obrigou à abertura de vias de penetração no sertão, à criação de um sistema de transportes, baseado no mular”.*
ZEMELLA, Mafalda P. O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990, p. 190.

O texto acima fala sobre o impacto da descoberta das Minas Gerais no comércio e no transporte colonial brasileiro. Sobre esse fenômeno é correto afirmar que:

- (a) A posição geográfica das minas, longe da costa e dispersas em região montanhosa, e a dedicação quase exclusiva à mineração levou à dependência de outras regiões. A tropa de mulas foi a infra-estrutura desse sistema. As tropas vinham do Rio Grande do Sul, se concentravam na região de São Paulo em grandes feiras e a partir daí, eram distribuídas aos compradores de várias regiões e serviam às minas, um grande centro consumidor.

- (b) A descoberta de ouro nas Minas Gerais possibilitou uma ligação entre o norte brasileiro e a capital do império, o Rio de Janeiro. Tropas de mulas eram enviadas do norte à região das minas, carregadas de açúcar e gêneros alimentícios como a carne seca. Em seguida as tropas seguiam para o Rio de Janeiro carregadas de ouro para serem embarcadas para Portugal após o pagamento dos impostos.
 - (c) Esse comércio foi o grande responsável pelo desenvolvimento do sudeste brasileiro. As mulas, criadas em São Paulo, eram enviadas às minas para servirem como meio de transporte. O transporte do ouro era feito por meio das tropas de muare até o Rio de Janeiro. Esse comércio foi responsável pelo enriquecimento dos bandeirantes paulistas, os garimpeiros de Minas Gerais e o governo português instalado no Rio de Janeiro.
 - (d) O comércio de alimentos interligou boa parte do Brasil colonial tendo São Paulo como centro. Gêneros alimentícios vinham das regiões sul e norte para abastecer Minas Gerais, tendo São Paulo como entreposto. Esse comércio enriqueceu várias regiões do país, como o norte (produtor de charque). Do Rio Grande do Sul vinham as boiadas conduzidas por tropeiros, com parada em São Paulo.
 - (e) Minas Gerais era o principal centro produtor de alimentos no século XVIII, mas não era capaz de atender a demanda das minas de ouro. Além disso, o comércio principal era de produtos manufaturados que vinham da Europa. Esses produtos chegavam pelo porto do Rio de Janeiro e eram transportados por tropas de muare até Minas Gerais, um caminho inverso ao feito pelo ouro encontrado nas minas.
35. *“Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos; ao contrário, servimos de modelo a alguns ao invés de imitar outros. Seu nome, como tudo depende não de poucos mas da maioria, é democracia. (...) Somos também superiores aos nossos adversários em nosso sistema de preparação para a guerra nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, mantemos nossa cidade aberta a todo o mundo e nunca, por atos discriminatórios impedimos alguém de conhecer e ver qualquer coisa que, não estando oculta, possa ser vista por um inimigo e ser-lhe útil. Nossa confiança se baseia menos em preparativos e estratégias que em nossa bravura no momento de agir.(...) Somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr; para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação”.*

TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. 2ª. Edição, tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 98, 99.

Esses são trechos da Oração dos Mortos proferida por Péricles no inverno de 431-430 a.C. em honra dos mortos nas primeiras batalhas entre Atenas e Esparta. Mais do que isso, a oração representa uma afirmação das diferenças de valores entre atenienses e espartanos. Sobre o contexto histórico da Grécia Antiga e os valores em questão, podemos afirmar que:

- (a) Esse texto expressa as profundas diferenças entre o modo de vida dos atenienses e espartanos que existiam desde o século II a.C.. Enquanto Atenas privilegiava a democracia, Esparta era uma cidade-estado governada por ditadores militares. A liberdade política de Atenas foi decisiva na vitória contra os espartanos na Guerra do Peloponeso.

- (b) Essa oração marca o fim da democracia na Grécia. As diferenças de pensamento entre espartanos e atenienses foram decisivas na derrota das cidades-estado gregas para a Macedônia. Aproveitando essa divisão, Felipe II derrotou os gregos e expandiu o império Macedônico. A oração de Péricles expressa o pesar pelo fim dos valores helênicos defendidos por Atenas.
 - (c) Péricles, governador de Esparta, expressa nessa oração o desprezo que tinha pelos atenienses. Para ele, Esparta era superior tanto militar quanto politicamente, porque defendia os verdadeiros valores gregos. A derrota na Guerra do Peloponeso foi seguida pela vitória dos espartanos na Batalha de Maratona, quando passaram a dominar toda a região.
 - (d) Esparta destacava-se, entre outras coisas, pela sua educação e disciplina militar. Havia uma especialização militar entre os espartanos, dando origem a um exército obediente e eficiente. Atenas, por outro lado, valorizava o debate e a argumentação em todas as situações, reforçando a idéia de Democracia. Essa oração ocorreu no momento em que Atenas sofreu uma grande derrota para Esparta na Guerra do Peloponeso.
 - (e) Atenas foi derrotada por Esparta, que contou com a ajuda de Felipe II da Macedônia na Guerra do Peloponeso. A partir de então, os valores atenienses, expressos na Oração dos Mortos, foram esquecidos em prol da organização militar espartana que propiciou a construção de um grande império em aliança com a Macedônia.
36. *“A maior revolução na alimentação humana ocorreu no período moderno com a ruptura no isolamento continental, quando o intercâmbio de produtos de diferentes continentes, que ocorreu no bojo da expansão colonial européia, alterou radicalmente a dieta de praticamente todos os povos do mundo. As especiarias asiáticas se difundiram para a Europa e chegaram aos outros continentes. As plantas alimentícias das Américas (...) propagaram-se pelo planeta. Gêneros tropicais (...) combinaram-se para fornecerem um novo padrão de consumo de calorias e de bebidas excitantes. Produtos típicos da Europa mediterrânica penetraram em todos os continentes.”*
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de, CARNEIRO, Henrique. A História da Alimentação: balizas historiográficas. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Série v. 5, p. 90-91, jan./dez. 1997.

Sobre esse fenômeno e seu contexto histórico podemos afirmar que:

- (a) Durante o período colonial, a África e a América forneceram vários alimentos para a Europa, como a mandioca, o milho e o açúcar. Ao mesmo tempo, a alimentação mediterrânica, à base de trigo (pães e massas), azeite e tomate, difundiu-se pelo continente americano com a chegada dos descobridores no século XVI. O café, originário da América, chegou à Europa no século XIX.
- (b) As especiarias vindas do continente americano eram a principal moeda de troca dos países europeus, principalmente Portugal e Espanha, que tinham colônias no continente. Posteriormente as especiarias foram substituídas pelo café e pelo chocolate. Em troca desses produtos, as metrópoles forneciam às colônias trigo e vinho, que possuíam um valor mais alto, lucrando nesse comércio.
- (c) O intercâmbio de diferentes produtos alimentícios ocorreu no bojo dos descobrimentos a partir do século XVI. Enquanto produtos como milho, batata e tomate foram levados para a Europa, o trigo e a uva acompanharam a colonização e

a imigração na América. O café, vindo da África, aclimatou-se na América do Sul e difundiu-se para o resto do mundo a partir do século XIX.

- (d) Os descobridores europeus aproveitaram-se de alimentos nativos da América para distribuí-los para o restante da Europa ao mesmo tempo em que introduziam seus hábitos alimentares no continente americano. Assim, produtos antes desconhecidos dos europeus, como trigo, milho e batata, foram cultivados em grande escala para suprir a demanda européia. Em contrapartida, produtos europeus, como chá e arroz foram trazidos para a América.
- (e) A expansão comercial do século XIX foi a grande responsável pelo intenso contato entre várias culturas através de seus alimentos. Enquanto as colônias americanas forneciam açúcar para toda a Europa, eram abastecidas com produtos até então desconhecidos no continente, como a batata, o trigo e o arroz.

37. *“Passamos da ‘estética’ à ‘cosmética’ da fome, da idéia na cabeça e da câmera na mão (um corpo-a-corpo com o real) ao steadcam, a câmera que surfa sobre a realidade, signo de um discurso que valoriza o ‘belo’ e a ‘qualidade’ da imagem, ou ainda, o domínio da técnica e da narrativa clássicas. Um cinema ‘internacional popular’ ou ‘globalizado’ cuja fórmula seria um tema local, histórico ou tradicional, e uma estética ‘internacional’.”*

Ivana Bentes. ‘Cosmética da fome’ marca cinema do país. Jornal do Brasil, 8 de julho de 2001.

Ivana Bentes expressa nesse texto uma crítica polêmica ao atual cinema brasileiro. Esse artigo marcou o debate entre dois momentos de nossa cinematografia, expresso na oposição entre ‘estética da fome’ e ‘cosmética da fome’, referindo-se ao cinema brasileiro produzido na década de 60 e a partir dos anos 90, respectivamente. Sobre o contexto destas cinematografias e o debate expresso no artigo, podemos afirmar que:

- (a) A expressão ‘estética da fome’ está relacionada a cineastas como Glauber Rocha e Rogério Sganzerla, principais nomes do Cinema Novo na década de 60. Esses filmes, cujo lema era “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, privilegiariam a mensagem política. Os filmes da chamada retomada do cinema nacional no final dos anos 90, são identificados por procurar dar um melhor tratamento técnico, abrindo espaço no mercado internacional.
- (b) A idéia de um cinema pobre, sem grandes investimentos, surgiu na Boca do Lixo em São Paulo na década de 60. Cineastas como Júlio Bressane e Ozualdo Candeias faziam filmes sem financiamento da Embrafilme. A partir do final dos anos 90, com grande investimento estatal, surgiram novos cineastas e filmes como “Central do Brasil” e “Cidade de Deus”, que concorreram ao Oscar.
- (c) O cineasta Nelson Pereira dos Santos foi o criador da expressão ‘estética da fome’ com o lançamento de seu filme “Rio 40 graus”, um retrato cru sobre a vida nas favelas do Rio de Janeiro. Para alguns, filmes como “Cidade de Deus” teriam retomado esse tema, mas sem a discussão política de Nelson Pereira dos Santos, privilegiando aspectos técnicos e glamurizando a pobreza.

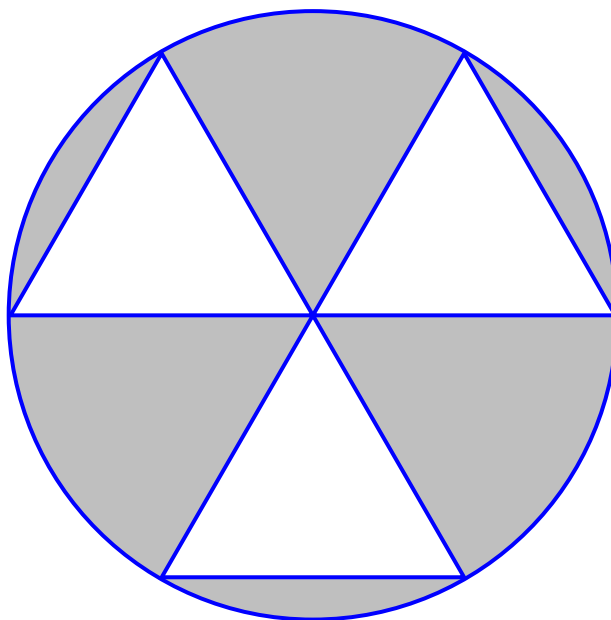
- (d) O debate entre ‘estética’ e ‘cosmética da fome’ está relacionado ao renascimento dos documentários. Cineastas como Sylvio Tendler sempre estiveram preocupados com a história brasileira, e acusam os novos documentaristas de se preocuparem excessivamente com aspectos técnicos, produzindo documentários mais bem acabados, voltados para o mercado internacional.
 - (e) A expressão ‘estética da fome’ foi cunhada pelo cineasta Glauber Rocha em 1965 no contexto do chamado Cinema Novo, tentando dar um novo sentido, através do cinema, ao problema da fome e da pobreza no terceiro mundo. Em oposição, filmes como “Cidade de Deus” e “Central do Brasil” foram acusados de um distanciamento dessa discussão política, apresentando por outro lado, um melhor acabamento técnico.
38. Em 2004 a cidade de São Paulo comemorou 450 anos de sua fundação. Para isso, iniciou uma recuperação de sua área central, principalmente da região historicamente conhecida como “Triângulo”. Identifique a alternativa que define corretamente essa região.
- (a) O núcleo original da cidade de São Paulo engloba a região da Sé, largo São Francisco e Pátio do Colégio. As igrejas destas três localidades formam os vértices desse triângulo que compunha o sítio original da povoação e que deu origem ao chamado centro velho.
 - (b) Trata-se da região situada entre as ruas São Bento, Direita e Quinze de Novembro, que formam a figura de um triângulo. Essa área é parte do centro velho de São Paulo, em oposição ao centro novo do outro lado do Vale do Anhangabaú.
 - (c) O centro velho de São Paulo é formado pela região da Praça da Sé, largo São Bento e do outro lado do Vale do Anhangabaú pela Praça da República. Essa região forma um triângulo delimitado pelos rios Tamanduateí, Anhangabaú (canalizado) e Saracura (canalizado).
 - (d) A cidade de São Paulo tem como ponto de origem o Colégio dos Jesuítas na região que hoje chamamos de centro velho e cresceu em direção à Várzea do Carmo (atual região do Parque D. Pedro II). Essa é a região histórica do triângulo.
 - (e) O mapa da cidade de São Paulo no século XVI, quando de sua fundação, forma uma figura que lembra um triângulo. Essa região originalmente englobava o atual centro de São Paulo e a região do Brás e o Parque D. Pedro II.
39. A Cabanagem, ou Revolta dos Cabanos, ocorrida em 1835, marcou um período de revoltas iniciado com a abdicação de D. Pedro I do trono brasileiro em favor de seu filho, D. Pedro II. Sobre essa revolta, podemos dizer que:
- (a) Trata-se de uma revolta ocorrida durante o governo da Regência. Contou com forte participação popular, principalmente de índios, mestiços e colonos pobres que se rebelaram contra o governo estabelecido a partir do Rio de Janeiro, capital do Império.
 - (b) Foi uma revolta de cunho burguês, que desejava derrubar a monarquia e estabelecer um governo republicano no Brasil. Foram cruelmente massacrados pelas tropas leais ao governo monárquico.

- (c) Foi uma revolta de escravos liderada por Zumbi, que desejava estabelecer uma república em Palmares e acabar com a escravidão. Aproveitaram-se da fraqueza do governo central com a abdicação de D. Pedro I.
 - (d) Foi uma revolta da elite paraense contra a corte portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro, inspirada pelos ideais da Revolução Francesa. Teve participação das camadas populares, que exigiam maior participação política no novo governo regencial.
 - (e) Trata-se de uma rebelião dos senhores de engenho em Pernambuco contra as altas taxas de imposto cobradas pelo governo imperial no período da Regência. Com a abdicação de D. Pedro I passaram a exigir uma maior participação política e econômica.
40. A eleição presidencial em Taiwan, no dia 2 de março de 2004, reelegeu o presidente Chen Shui-bien do Partido Democrático Progressista, cujo programa histórico exige a soberania do país frente ao governo da China. Sobre as relações entre China e Taiwan, podemos afirmar que:
- (a) Taiwan é uma região encravada no centro da China, que se rebelou contra o governo comunista de Mao Tsé Tung nos anos 50. Desde então, tenta conseguir sua autonomia desafiando o governo chinês, apesar de não ser reconhecida por muitos países, como o Brasil.
 - (b) Taiwan está sob controle da Inglaterra desde o século XIX. Os governos da China e da Inglaterra estabeleceram para o ano de 2008 uma consulta popular para decidir o futuro de Taiwan seguindo o mesmo caminho de Hong Kong.
 - (c) Os nacionalistas chineses foram derrotados pelos comunistas e se refugiaram em Taiwan em 1949. Desde então a China considera Taiwan como província rebelde e não reconhece sua autonomia.
 - (d) Taiwan foi tomada pelo Japão na Segunda Guerra Mundial e com o final da guerra decretou sua independência. Desde então, a China tenta restabelecer o controle da ilha, a qual considera como sua província.
 - (e) A República Popular da China e a República Democrática da China (Taiwan) brigam na ONU pelo direito de usar o nome China. O Brasil é um dos países que apoiam Taiwan na ONU.

41. Se $a^b = b^a$, em que a e b são números naturais maiores do que 1, então
- (a) $a = b$.
 - (b) $\log_a b = ab$.
 - (c) $\log_a b = \frac{b}{a}$.
 - (d) b é necessariamente par.
 - (e) a é necessariamente ímpar.
42. Um pintor de grandes telas dispunha de duas latas com um litro de tinta cada uma. Na lata **A**, havia tinta azul e na lata **B**, pura tinta branca. Ele retirou 250 mililitros da lata **A** e despejou na lata **B**, misturou homogeneamente as tintas e retirou 250 mililitros da mistura, que devolveu à lata **A**, obtendo também uma mistura homogênea. Suponha que não tenha havido transbordamento e que a perda de tinta no processo todo é desprezível. É **incorreto** afirmar que
- (a) a mistura resultante na lata **A** tem 80% de tinta azul.
 - (b) no processo todo ele colocou $\frac{1}{3}$ a mais de tinta azul na lata **B** em relação à quantidade de tinta branca que foi para lata **A**.
 - (c) se ele tivesse retirado a princípio 250 mililitros da lata **B** e feito o mesmo processo, teria obtido o mesmo resultado final.
 - (d) a mistura resultante na lata **B** tem 20% de tinta azul.
 - (e) se ele misturar os conteúdos das duas latas obterá uma mistura com 50% de tinta azul.
43. Dados $m, n \in \mathbb{Z}$, para que a intersecção das retas $y = x + m$ e $y = -x + n$ aconteça num ponto de coordenadas inteiras
- (a) é suficiente que m e n tenham a mesma paridade.
 - (b) é necessário que m e n sejam pares.
 - (c) é necessário que m e n sejam iguais.
 - (d) do primeiro quadrante é suficiente que m e n sejam positivos.
 - (e) é suficiente que a ordenada da intersecção seja a média aritmética entre m e n .
44. Considere os pontos do plano cartesiano da forma $(a_n; b_n)$, com n inteiro positivo, em que a_n e b_n são os elementos de ordem n das progressões geométricas de primeiros termos respectivamente iguais a 4 e 5, ambas de mesma razão, não nula. Passa por todos estes pontos
- (a) a parábola de equação $y = x^2 + 1$.
 - (b) a reta que também passa pela origem e tem coeficiente angular igual a 0,8.
 - (c) a parábola de equação $y = x^2 - 2x + 2$.
 - (d) a reta que também passa pela origem e tem coeficiente angular igual a 1,25.
 - (e) a reta que também passa pelo ponto $(1, 1)$ e tem coeficiente angular igual a 1,25.

Utilize as informações abaixo para responder as questões 45 e 46.

Considere na figura o desenho de uma piscina que uma pessoa está projetando para sua casa de campo. A região sombreada representa água e os triângulos equiláteros serão ilhas para banho de sol. Suponha que a circunferência da piscina tenha 16 metros de raio. Adote $\pi = \frac{13}{4}$ e $\sqrt{3} = \frac{7}{4}$.



45. Se a profundidade da piscina for de 150 cm, o volume de água necessário para enchê-la será aproximadamente igual a
- (a) 736 m³.
 - (b) 738 m³.
 - (c) 740 m³.
 - (d) 742 m³.
 - (e) 744 m³.
46. Para que não haja vazamento, toda a parede (incluindo o fundo) da piscina deve receber uma camada de impermeabilizante. Se cada galão de impermeabilizante é suficiente para cobrir uma área de aproximadamente 80 m², serão necessários para impermeabilizar toda a piscina
- (a) 10 galões.
 - (b) 11 galões.
 - (c) 12 galões.
 - (d) 13 galões.
 - (e) 14 galões.

Utilize as informações abaixo para responder as questões 47 e 48.

Uma companhia de telefonia celular está procurando o melhor ponto de um determinado quarteirão retangular de São Paulo para instalar uma antena de comunicação. O alcance esférico r de uma antena como esta é dado como função da altura c que a antena dista do chão através da função

$$r = 34c - c^2.$$

Considere que as grandezas c e r são dadas em metros.

47. A altura em que a antena deve estar posicionada para que seu alcance ainda chegue ao chão é

- (a) 17 metros.
- (b) 41 metros.
- (c) 25 metros.
- (d) 29 metros.
- (e) 33 metros.

48. Se identificarmos uma das esquinas desse quarteirão como o ponto $O = (0, 0, 0)$ e admitirmos que os eixos Ox e Oy representam as duas ruas delimitadoras do quarteirão que passam por esta esquina, então a equação da superfície esférica de alcance da antena posicionada no ponto (a, b, c) é dada por

$$(x - a)^2 + (y - b)^2 + (z - c)^2 = r^2.$$

Considere que as grandezas a e b também são dadas em metros.

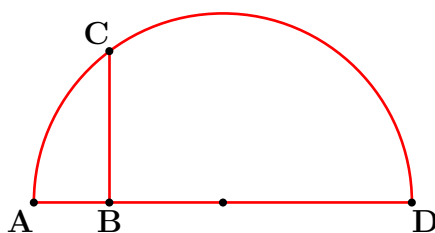
Para que

- r seja o maior possível e
- a antena esteja sobre o plano vertical orientado pela bissetriz do ângulo xOy , de tal forma que a esquina O pertença à sua superfície esférica de alcance

a posição da antena deve ser

- (a) (204,204,17)
- (b) (102,102,34)
- (c) (102,204,17)
- (d) (204,102,17)
- (e) (204,204,34)

49. Numa determinada prova, um conhecido professor observou que 50% dos seus alunos obtiveram nota exatamente igual a 4,0, 25% obtiveram média 6,4 e a média m do restante dos alunos foi suficiente para que a média geral ficasse em 5,9. Se 4 dos alunos que tiraram 4,0 e 2 dos alunos do grupo cuja média foi m tivessem tirado 6,4, a média subiria para 6,0. O número de alunos da turma e o valor de m são respectivamente iguais a
- (a) 36 e 9,0.
 - (b) 36 e 9,2.
 - (c) 40 e 9,0.
 - (d) 40 e 9,2.
 - (e) 40 e 9,4.
50. Se o diâmetro da semicircunferência abaixo mede 5 cm, \overline{AB} mede 1 cm e o $\angle ABC$ mede 90° , então a medida de \overline{BC} é igual a



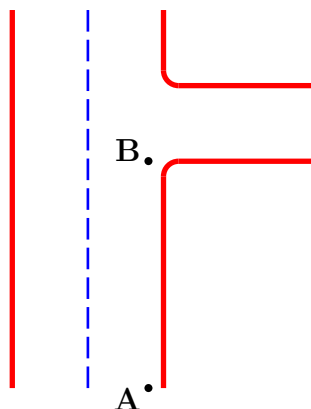
- (a) 1 cm.
 - (b) $\sqrt{2}$ cm.
 - (c) 2 cm.
 - (d) $2\sqrt{2}$ cm.
 - (e) $2\sqrt{3}$ cm.
51. Dois pontos diametralmente opostos da circunferência dada por $(x-1)^2 + (y-1)^2 = 1$ são vértices de um triângulo, cujo terceiro vértice é o ponto $(1; 2)$. A área máxima que este triângulo pode ter é
- (a) 0,5.
 - (b) 1,0.
 - (c) 1,5.
 - (d) 2,0.
 - (e) 2,5.

52. O tempo em minutos que um motorista leva para ir do início da avenida representada abaixo (ponto **A**) até o primeiro cruzamento com uma rua em que se pode dobrar à direita (ponto **B**) é dado por

$$t = \log_2(n^2 + 2),$$

em que $0 \leq n \leq 1000$ é o número de carros que entraram na avenida (ponto **A**) no último minuto antes do motorista em questão. A probabilidade de um motorista, por conta do trânsito, decidir dobrar à direita em **B** é uma função do tempo t que o motorista gastou no trecho **AB**, dada por

$$p = \frac{t}{20}.$$



Se a probabilidade de um determinado motorista dobrar à direita em **B** é igual a x , então no minuto precedente à sua passagem por **A**, entraram na avenida

- (a) $\sqrt{20^{2x} - 2}$ veículos.
 - (b) $\sqrt{20^{2x} + 2}$ veículos.
 - (c) $\sqrt{2^{20x} - 2}$ veículos.
 - (d) $2^{\sqrt{20x}-2}$ veículos.
 - (e) $2^{\sqrt{20x}+2}$ veículos.
53. Dados os números reais m e h estritamente maiores do que 1, se

$$m * h = \begin{cases} m^{h-m} & \text{se } m \leq h \\ \log_h(m) & \text{se } m > h \end{cases},$$

então $\frac{2*8}{8*2}$ é *aproximadamente* igual a

- (a) 21.
- (b) 42.
- (c) 64.
- (d) 88.
- (e) 116.

54. Se A é a matriz dada por

$$\begin{bmatrix} \log_3(\sin^2(x)) & 1 \\ \log_3(\cos^2(x)) & 1 \end{bmatrix},$$

para $x \in]0, 3\pi[$, com $\sin(x)\cos(x) \neq 0$, então a soma das raízes da equação

$$\det(A) = 1$$

é igual a

- (a) 2π
 - (b) 4π
 - (c) 7π
 - (d) 8π
 - (e) 9π
55. O tempo em segundos que um candidato gasta para resolver um teste de matemática num determinado vestibular é dado por

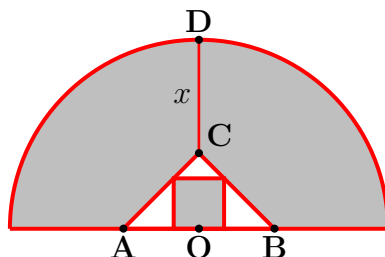
$$f(n) = \log_{2^{24}}(n + 2)^{2004} - 13,9,$$

em que n é o número de testes que o candidato já resolveu. Considerando que $3^9 \cdot 5^4 \cdot 7^3 \cdot 11 \cdot 13 \cdot 17 \cdot 19 \cong 2^{50}$, para resolver uma prova de matemática com 20 testes um candidato gastará aproximadamente

- (a) 1h.
- (b) 1h10min.
- (c) 1h20min.
- (d) 1h30min.
- (e) 1h40min.

56. Na figura abaixo

- $x \in [0; \sqrt{2}]$ é a medida do segmento **CD**,
- o centro da semicircunferência de raio $\sqrt{2}$, identificado por **O**, é equidistante aos pontos **A**, **B** e **C**,
- para cada $x \neq \sqrt{2}$, o quadrilátero inscrito no triângulo **ABC** é um quadrado.



Para que a área sombreada seja a maior possível, x deve ser igual a

- (a) $2\sqrt{2}$.
 - (b) $\sqrt{2}$.
 - (c) $\frac{\sqrt{2}}{2}$.
 - (d) $\frac{\sqrt{2}}{4}$.
 - (e) 0.
57. No pátio de uma oficina mecânica existem 12 carros para serem consertados. Os cinco mecânicos desta oficina têm uma estranha maneira de trabalhar: eles se sentam ao redor de uma mesa, sorteiam entre si uma dupla de mecânicos que irá consertar um dos carros quebrados do pátio, enquanto os outros três ficarão esperando. Depois que a dupla sorteada finaliza o carro que lhe foi destinado, os dois mecânicos que a compunham voltam para a mesa e é feito um novo sorteio, até que todos os carros estejam consertados. É correto afirmar que
- (a) no máximo duas duplas irão consertar mais do que um carro.
 - (b) existe pelo menos uma dupla que não será sorteada.
 - (c) cada um dos mecânicos será sorteado pelo menos uma vez.
 - (d) pelo menos uma dupla irá consertar mais do que um carro.
 - (e) todas as possíveis duplas consertarão pelo menos um carro.

58. A Câmara de um determinado município é composta de 45 vereadores, sendo $\frac{4}{9}$ deles da base governista, $\frac{1}{3}$ de oposição e o restante proveniente de partidos pequenos, que não são nem governistas nem de oposição. Para votar qualquer projeto de lei municipal, é necessário que estejam presentes pelo menos um vereador de cada um dos três grupos citados. Se a única informação que o prefeito deste município dispõe durante cada reunião da Câmara é o número de vereadores presentes, para ter certeza de que os projetos de lei municipal em pauta naquele dia serão votados, é necessário que ele obtenha o número mínimo de
- (a) 10 vereadores presentes.
 - (b) 11 vereadores presentes.
 - (c) 20 vereadores presentes.
 - (d) 35 vereadores presentes.
 - (e) 36 vereadores presentes.
59. Considere a seguinte declaração:

Ou o ex-prefeito não é corrupto, ou houve desacato a autoridade, mas não ambos.

Assinale a alternativa que apresenta a negação formal desta declaração.

- (a) *Para que tenha havido desacato a autoridade é necessário e suficiente que o ex-prefeito seja corrupto.*
- (b) *Ou o ex-prefeito é corrupto, ou não houve desacato a autoridade, mas não ambos.*
- (c) *Para que não tenha havido desacato a autoridade é necessário e suficiente que o ex-prefeito seja corrupto.*
- (d) *Se não houve desacato a autoridade então o ex-prefeito é corrupto.*
- (e) *Se o ex-prefeito é corrupto então houve desacato a autoridade.*

60. Considere as seguintes declarações:

A: Se fossem cortados 8.000 cargos de vereadores em todo país, então o salário mínimo subiria mais R\$5,00.

B: O salário mínimo não subiria mais R\$5,00 somente se não houvesse vontade política do governo.

C: 8.000 cargos de vereadores seriam cortados em todo país se o salário mínimo não subisse mais R\$5,00 e houvesse vontade política do governo.

É correto afirmar que

- (a) para que as declarações dadas em **A** e **B** sejam falsas é necessário que a declaração dada em **C** seja verdadeira.
- (b) para que as declarações dadas em **A** e **B** sejam falsas é suficiente que a declaração dada em **C** seja verdadeira.
- (c) para que as declarações dadas em **A** e **B** sejam uma verdadeira e a outra falsa é necessário e suficiente que a declaração dada em **C** seja falsa.
- (d) para que a declaração dada em **B** seja falsa é necessário que a declaração dada em **C** seja falsa.
- (e) para que a declaração dada em **C** seja falsa é suficiente que a declaração dada em **A** seja verdadeira.

Leia os fragmentos abaixo, extraídos da palestra proferida por Umberto Eco, na Biblioteca de Alexandria, para responder às questões de 1 a 3.

[...] O que pretendo fazer, hoje, é tentar desemaranhar uma mixórdia de receios entrelaçados acerca de problemas diversos. Clarear nossas idéias acerca desses problemas diversos pode também nos ajudar a compreender melhor o que, em geral, entendemos por livro, texto, literatura, interpretação e assim por diante. Desse modo, veremos como, a partir, de uma pergunta tola, se podem produzir muitas respostas sábias, e essa provavelmente é a função cultural de entrevistas ingênuas. Começemos com uma história egípcia, muito embora contada por um grego. Segundo Platão, em “Fedro”, quando Hermes — ou Thot, o suposto inventor da escrita — apresentou sua invenção para o faraó Thamus, este louvou tal técnica inaudita, que haveria de permitir aos seres humanos recordarem aquilo que, de outro modo, esqueceriam.

Mas Thamus não ficou inteiramente satisfeito. “Meu habilidoso Thot”, disse ele, “a memória é um dom importante que se deve manter vivo mediante um exercício contínuo. Graças a sua invenção, as pessoas não serão mais obrigadas a exercitar a memória. Lembrarão coisas não em razão de um esforço interior, mas apenas em virtude de um expediente exterior”.

[...] Na década de 1960, Marshall McLuhan escreveu seu livro “A Galáxia de Gutenberg”, no qual declarava que a maneira linear de pensar, respaldada pela invenção da imprensa estava em via de ser substituída por um modo mais global de percepção e de compreensão, por meio de imagens de TV ou de outros tipos de aparelho eletrônico. Se não McLuhan, certamente muitos de seus leitores apontaram o dedo para a tela da TV e depois para o livro impresso e disseram: “Isto vai matar aquilo”.

Se ainda estivesse entre nós, hoje, McLuhan seria o primeiro a escrever algo como “Gutenberg contra-ataca”. Sem dúvida, um computador é um instrumento por meio do qual é possível produzir e editar imagens, sem dúvida as instruções são fornecidas por ícones; mas também não há dúvida de que o computador se tornou, acima de tudo, um instrumento alfabético. Em sua tela, correm palavras e linhas escritas e, para usar um computador, é preciso saber ler e escrever.

(Folha de S. Paulo. Mais! 14/12/2003)

1. Sobre o emprego dos pronomes demonstrativos, na frase —“Isto vai matar aquilo.”— pode-se inferir que
 - (a) tanto *isto* como *aquilo* generalizam e depreciam o caráter transitório dos meios de comunicação.
 - (b) *isto* designa o objeto próximo ao enunciador, enquanto o pronome *aquilo* refere-se ao objeto afastado geograficamente do enunciador e do interlocutor.
 - (c) os pronomes *isto* ou *aquilo* imprimem um sentido pejorativo aos seres nomeados.
 - (d) *isto* se refere à TV como o objeto do momento presente, enquanto *aquilo* imprime ao livro um caráter de objeto ultrapassado.
 - (e) o pronome *isto* faz referência ao que ainda será mencionado na oração, enquanto o pronome *aquilo* refere-se ao que já se mencionou.

2. “Se não McLuhan, certamente muitos de seus leitores apontaram o dedo para a tela da TV...”

A expressão se não mantém o mesmo sentido do texto quando substituída por

- (a) Não faz *outra coisa* exceto estudar.
 - (b) Leve agasalho, *caso contrário* sentirá *frio*.
 - (c) Criança pequena deve ser vigiada, *do contrário* se machuca.
 - (d) São homens não apenas inteligentes, *mas também* honestos.
 - (e) *Quando não* uma missão impossível, esta é, pelo menos, uma tarefa muito difícil.
3. Segundo o texto, Thamus, teme que
- (a) a escrita amplie a faculdade humana de pensar livremente.
 - (b) a escrita entorpeça o poder da mente, ao fornecer ao homem uma memória gravada.
 - (c) os egípcios, pela escrita, ampliem seus conhecimentos e libertem-se do jugo do faraó.
 - (d) a escrita se torne uma ameaça ao poder, portanto a rejeita taxativamente .
 - (e) a escrita, como qualquer nova invenção tecnológica, estimule as pessoas a se afastarem de suas obrigações cotidianas.

Leia este excerto do poema *Galáxias*, de Haroldo de Campos, para responder às questões de 4 a 8.

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie de viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever mil páginas escrever milumapáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabar começar com a escritura por isso recomeço por isso arremesso por isso teço e escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites milumapáginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas mesmam ensimesmam onde o fim é o começo onde o escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo descomeço desconheço e me teço um livro onde tudo seja fortuito e forçoso um livro onde tudo seja não esteja seja um umbigodomundolivro um umbigodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo...

4. Em qual das alternativas, há, no fazer poético, a preocupação com a forma, como no fragmento “e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso...”?

(a) “Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”

(Olavo Bilac)

(b) “Eu sonho com um poema
cujas palavras sumarentas escorram
como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
um poema que te mate de amor
antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:
basta provares o seu gosto...”

(Mario Quintana)

(c) “O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente.”

(Fernando Pessoa)

(d) “Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ouro,
Para a gente sertaneja
É perdido esse tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.”

(Patativa do Assaré)

(e) “Penetra surdamente no reino das palavras
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intacta.”

(Carlos Drummond de Andrade)

5. Sobre o poema concreto de Haroldo de Campos só **não** é possível afirmar que

- (a) há a quebra da sintaxe convencional e abandono do verso e da métrica.
- (b) a ausência dos sinais de pontuação permite a interação do leitor.
- (c) há uma organização seqüencial não linear.
- (d) a inovação do poeta concreto consiste em escrever sobre o ato de escrever.
- (e) estão presentes as funções poética e metalingüística.

6. Uma das figuras de linguagem presentes no poema é a aliteração, como exemplifica este fragmento: “...o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites milumapáginas ...”

Assinale a alternativa em que **não** há aliteração.

- (a) “De sino em sino
o silêncio ao som
ensino.”

(Paulo Leminski)

- (b) Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!”

(Fernando Pessoa)

- (c) “Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança”

(Castro Alves)

- (d) “No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!”

(Luís de Camões)

- (e) “Sou Ana, da cama,
da cana, fulana, bacana
Sou Ana de Amsterdam...”

(Chico Buarque de Holanda)

7. Sobre o poema de Haroldo de Campos só **não** é possível afirmar que

- (a) o poeta revê as tradicionais oposições verso/prosa, parte/todo, começo/fim.
(b) a referência à narrativa universal *As mil e uma noites* reforça o poder da palavra.
(c) a importância da palavra impressa é realçada pelas expressões: umbigodomundolivro, umbigodolivromundo, ensimesmam, milumapáginas.
(d) o ato de escrever pressupõe a escolha criteriosa das palavras.
(e) A metáfora viagem, presente no poema, refere-se à jornada da criação artística.

8. Haroldo de Campos, em *Galáxias*, cria neologismos, assim como Manuel Bandeira, no poema intitulado *Neologismo*:

*“Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.”*

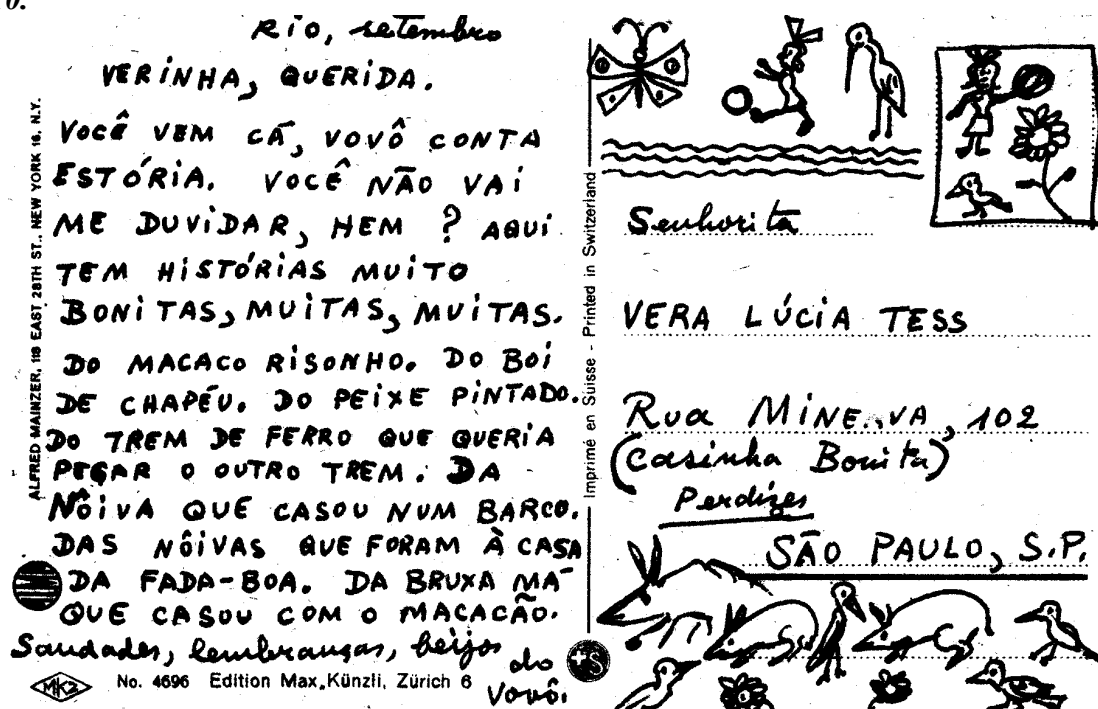
Considere as seguintes afirmações.

- I. Em Bandeira e em Haroldo de Campos, a criação de neologismos tem por objetivo a exploração do significante como recurso expressivo.
- II. O neologismo Teadorar, verbo intransitivo, intensifica o sentimento amoroso do poeta, por unir em um só vocábulo o nome da mulher amada, o objeto e a ação verbal.
- III. Haroldo de Campos e Bandeira, poetas concretistas, acreditam que os neologismos possibilitam a tradução emocional do eu lírico.
- IV. Tanto Bandeira quanto Haroldo de Campos renovam a sintaxe, ao criarem neologismos.

Das afirmações acima estão corretas

- (a) I, III e IV.
- (b) I, II e IV.
- (c) II, III.
- (d) I e IV
- (e) I e II

Abaixo está reproduzido um cartão postal que integra a correspondência entre Guimarães Rosa e sua neta Vera Lúcia Tess. Leia-o para responder às questões 9 e 10.



9. Sobre o texto só não é correto afirmar que

- Guimarães Rosa constrói um código íntimo de comunicação, restrito à criança e ao avô.
- cria um contexto infantil possível de reconhecimento pela criança por meio da renovação sintática, da escolha lexical, do ritmo e da imagem.
- o universo infantil é recriado pela linguagem não verbal, expressa nos desenhos e nos tipos de letra empregados.
- a menção aos contos de fadas é também um recurso persuasivo do enunciador.
- o encadeamento sintático, estabelecido pelos pronomes relativos configura a relação de dependência entre os pares: trem e outro trem; noivo e noiva; bruxa má e macacão.

10. Sobre o fragmento “você vem cá, vovô conta estória” é correto afirmar que

- o emprego do modo imperativo é um recurso do enunciador para convencer a criança a visitar o avô.
- o mesmo fragmento encadeado por conectivos subordinativos pode corresponder a *se você vir aqui, o vovô contará estória*.
- o mesmo fragmento encadeado por conectivos subordinativos pode corresponder a *quando você vier aqui o vovô conta estória*.
- o emprego do indicativo em “você vem cá, vovô conta estória” justifica-se porque a vinda da criança é um fato hipotético.
- a presença da vírgula entre as orações justifica-se para isolar o vocativo, elemento indispensável aos textos de correspondência.

Utilize o texto abaixo para responder os testes de 11 a 15.

Dinossauros em tempos difíceis

A sobrevivência da espécie (dos escritores) e da cultura é uma boa causa

Minha vocação nasceu com a idéia de que o trabalho literário é uma responsabilidade que não se limita ao lado artístico: ela está ligada à preocupação moral e à ação cívica. Até o presente, esses fatores animaram tudo o que escrevi e, por isso, vão fazendo de mim, nesta época da realidade virtual, um dinossauro que usa calças e gravata, rodeado de computadores.

[...] Em nossa época se escrevem e publicam muitos livros, mas ninguém à minha volta - ou quase ninguém, para não discriminar os pobres dinossauros - acredita mais que a literatura sirva de grande coisa, a não ser para evitar que as pessoas se aborreçam muito no ônibus ou no metrô, e para que, adaptada para o cinema e a televisão, a ficção literária - se for sobre marcianos, horror, vampirismo ou crimes sadomasoquistas, melhor - se torne televisiva ou cinematográfica.

Para sobreviver a literatura tornou-se *light* - é um erro traduzir essa noção por "leve", porque, na verdade, ela significa "irresponsável" e, muitas vezes, idiota.

[...] Se o objetivo é apenas o de entreter e fazer com que os seres humanos passem momentos agradáveis, perdidos na irre realidade, emancipados da sordidez cotidiana, do inferno doméstico ou da angústia econômica, em descontraída indolência intelectual, as ficções da literatura não podem competir com as oferecidas pelas telas, seja de cinema ou de TV. As ilusões forjadas com a palavra exigem a participação ativa do leitor, um esforço de imaginação, e, às vezes - quando se trata de literatura moderna -, complicadas operações de memória, associação e criação, algo de que as imagens do cinema e da televisão dispensam os espectadores. E, por isso, os espectadores se tornam cada vez mais preguiçosos, mais alérgicos a um entretenimento que requiera esforço intelectual.

Digo isso sem a menor intenção beligerante contra os meios audiovisuais, e a partir de minha condição confessa de apreciador de cinema - vejo dois ou três filmes por semana - que também desfruta com prazer um bom programa de TV (essa raridade). Mas, justamente por isso, com o conhecimento de causa necessário para afirmar que nenhum dos filmes que vi, e me divertiram tanto, me ajudou a compreender o labirinto da psicologia humana como os romances de Dostoiévski - ou os mecanismos da vida social como os livros de Tolstoi e de Balzac, ou os abismos e os pontos altos que podem coexistir no ser humano, como me ensinaram as sagas literárias de um Thomas Mann, um Faulkner, um Kafka, um Joyce ou um Proust.

As ficções apresentadas nas telas são intensas por seu imediatismo e efêmeras por seus resultados. Prendem-nos e nos desencarceram quase de imediato - das ficções literárias nos tornamos prisioneiros pela vida toda. Dizer que os livros daqueles escritores entretêm seria injuriá-los, porque, embora seja impossível não ler tais livros em estado de transe, o importante de sua boa literatura é sempre posterior à leitura - um efeito deflagrado na memória e no tempo. Ao menos é o que acontece comigo, porque, sem elas, para o bem ou para o mal, eu não seria como sou, não acreditaria no que acredito nem teria as dúvidas e as certezas que me fazem viver.

(Mario Vargas Llosa, in: O Estado de S. Paulo, 1996)

11. Dos fragmentos seguintes, aponte aqueles que também atribuem à literatura uma função cívica e transformadora.

I “*As palavras escritas freqüentemente escoiceiam as verdades oficiais, como cavalos alados. Mordem os torturadores, atacam os corruptos e os burocratas, conduzidas pela ética de quem as organiza. Além disso, elas nos fazem sonhar; abrem portas, janelas, cofres, alçapões e caixas de Pandora; permitem que as flores nasçam em pleno asfalto; transformam o naufrágio da velhice num tempo de ventura, quando restam apenas o homem e a alma.*”

(Rodolfo Konder in O Estado de S. Paulo, 8/3/1999)

II “*Pertenço àqueles que ainda acreditam que livros impressos têm um futuro e que todos os receios ‘a propos’ de seu desaparecimento são apenas o exemplo derradeiro de outros medos ou de terrores milenaristas em torno do fim de alguma coisa, inclusive do mundo.*”

(Umberto Eco in Folha de S. Paulo, 14/12/2003).

III “*Heráclito disse — e já repeti isso em demasia — que ninguém desce duas vezes o mesmo rio. Ninguém desce duas vezes o mesmo rio, porque suas águas mudam. Mas o mais terrível é que nós não somos menos fluidos do que o rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra. Ademais, os livros estão impregnados do passado.*”

(Jorge Luis Borges, *Cinco Visões Pessoais* p.20. Editora UNB)

IV “*Oh!Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*”

(Castro Alves, *Obra Completa*. Ed. Nova Aguilar.)

- (a) I e IV
- (b) II e III
- (c) I e III
- (d) II e IV
- (e) III e IV

12. Assinale a alternativa que melhor corresponde à idéia central do texto de Mario Vargas Llosa.

- (a) Os meios audiovisuais diminuíram o poder da palavra escrita.
- (b) O papel cívico da literatura está na complexidade do conteúdo da obra e dispensa o leitor.
- (c) O avanço da tecnologia audiovisual contribuiu para a morte da literatura.
- (d) A literatura que não mobiliza o leitor torna-se estéril.
- (e) A literatura *light* possibilita a fuga da realidade objetiva.

13. “... *me divertiram tanto, me ajudou a compreender o labirinto da psicologia humana como os romances de Dostoïevski— ou os mecanismos da vida social como os livros de Tolstoi e de Balzac, ou os abismos e os pontos altos que podem coexistir no ser humano, como ensinaram as sagas literárias de um Thomas Mann...*”

Segundo o fragmento, a natureza humana é

- (a) insegura e instável.
- (b) introspectiva e desequilibrada.
- (c) solitária e imprevisível.
- (d) efêmera e contrastante.
- (e) complexa e ambígua.

14. A metáfora que dá título ao texto refere-se

- (a) ao papel secundário dos livros na sociedade imagética.
- (b) ao anacronismo dos escritores clássicos.
- (c) aos escritores que negam o caráter efêmero da literatura de entretenimento.
- (d) ao desprestígio dos autores consagrados.
- (e) aos escritores que tentam emocionar seus leitores.

15. “E, por isso, os espectadores se tornam cada vez mais preguiçosos, mais alérgicos a um entretenimento que **requiera** esforço intelectual.”

Sobre o verbo requerer é correto afirmar que

- a) segue o modelo do verbo querer; é irregular; o pretérito imperfeito do subjuntivo é requiesse.
- b) não segue o modelo do verbo querer; a 3ª pessoa do singular no pretérito mais que perfeito do indicativo é requierera.
- c) segue o modelo do verbo querer; a 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo é requiera.
- d) não segue o modelo do verbo querer; é regular em todos os tempos, a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo é requereu.
- e) não segue o modelo do verbo querer; mas é irregular nos tempos do subjuntivo.

PASSAGE ONE

Advantage is gained in war and also in foreign policy and other things by selecting from many attractive or unpleasant alternatives the dominating point. American military thought had coined the expression “Over-all Strategic Objective.” When our officers first heard this, they laughed; but later on its wisdom became apparent and accepted. Evidently this should be the rule, and other great business be set in subordinate relationship to it. Failure to adhere to this simple principle produces confusion and futility of action, and nearly always makes things much worse later on.

Personally I had no difficulty in conforming to the rule long before I heard it proclaimed. My mind was obsessed by the impression of the terrific Germany I had seen and felt in action during the years of 1914 to 1918 suddenly becoming again possessed of all her martial powers, while the Allies, who had so narrowly survived, gaped idle and bewildered. Therefore, I continued by every means and on every occasion to use what influence I had with the House of Commons and also with individual Ministers to urge forward our military preparations and to procure allies and associates for what would before long become again the Common Cause.

One day a friend of mine in a high confidential position under the Government came over to Chartwell to swim with me in my pool when the sun shone bright and the water was fairly warm. We talked of nothing but the coming war, of the certainty of which he was not entirely convinced. As I saw him off, he suddenly on an impulse turned and said to me, “The Germans are spending a thousand million pounds sterling a year on their armaments.” I thought Parliament and the British public ought to know the facts. I, therefore, set to work to examine German finance. Budgets were produced and still published every year in Germany; but from their wealth of figures it was very difficult to tell what was happening. However, in April, 1936, I privately instituted two separate lines of scrutiny. The first rested upon two German refugees of high ability and inflexible purpose. They understood all the details of the presentment of German budgets, the value of the mark, and so forth. At the same time I asked my friend, Sir Henry Strakosch, whether he could not find out what was actually happening.

Churchill, W. S. *The Gathering Storm*. Houghton Mifflin Company, Boston, 1948, p. 225-226.

Please answer the following questions by choosing the alternative that best corresponds to what is contained in the preceding passage:

16. In the interwar period, Churchill’s attitude towards German rearmament can be described as:
- (a) Indifferent and relaxed.
 - (b) Confidential and secretive.
 - (c) Concerned and worried.
 - (d) Cynical and sarcastic.
 - (e) Advantageous and beneficial.

17. Churchill apparently confirmed his own worst estimates of German rearmament when:

- (a) He proposed to the British government the formulation of a Strategic Objective.
- (b) He was swimming in his pool with a friend.
- (c) He received confirmation of German military expenditures.
- (d) He discovered that one of his friends could not find out what was actually happening in Germany.
- (e) The first war ended in 1918.

18. In Churchill's view, a nation can gain advantage in foreign relations when:

- (a) All the government ministers involve themselves with military preparations.
- (b) A central principle of action is chosen and strictly followed.
- (c) It conforms to the rules it decides to proclaim.
- (d) It is able to have access to budgetary information on its principal potential enemies.
- (e) It collects relevant information from various authoritative sources.

PASSAGE TWO

Great inventions generally fall into one of two categories: some are the product of a single person's creative mind, descending on the world suddenly like a bolt out of the blue; others – by far the larger group – are the end product of a long evolution of ideas that have fermented in many minds over decades, if not centuries. The invention of logarithms belongs to the first group, that of the calculus to the second.

It is usually said that the calculus was invented by Isaac Newton (1642-1727) and Gottfried Wilhelm Leibnitz (1646-1716) during the decade 1665-1675, but this is not entirely accurate. The central idea behind the calculus – to use the limit process to derive results about ordinary, finite objects – goes back to the Greeks. Archimedes of Syracuse (ca. 287-212 B.C.), the legendary scientist whose military inventiveness is said to have defied the Roman invaders of his city for more than three years, was one of the first to use the limit concept to find the area and volume of various planar shapes and solids. For reasons that we shall soon see, he never used the term *limit*, but that is precisely what he had in mind.

Elementary geometry allows us to find the perimeter and area of any triangle, and hence of any polygon (a closed planar shape made up of straight line segments). But when it comes to curved shapes, elementary geometry is powerless. Take the circle as an example. In beginning geometry we learn that the circumference and area of a circle are given by the simple formulas $C = 2\pi r$ and $A = \pi r^2$, respectively. But the seeming simplicity of these formulas is misleading, for the constant π appearing in them – the ratio of the circumference of a circle to its diameter – is one of the most intriguing numbers in mathematics. Its nature was not fully established until late in the nineteenth century, and even today some questions about it remain unanswered.

Maor, E. e: *The Story of a Number*. Princeton University Press, Princeton, N. J., 1994, p. 40.

Please answer the following questions by choosing the alternative that best corresponds to what is contained in the preceding passage:

19. The exact nature of π :

- (a) Was completely determined over one hundred years ago.
- (b) Is simple, but misleading.
- (c) Is well known, but only when one is computing the circumference and the area of a circle.
- (d) Is not entirely known even at present.
- (e) Has not been recognized as a significant mathematical fact.

20. As an invention, that of the calculus can be classified as:

- (a) Having occurred as quickly and unexpectedly as a lightning bolt.
- (b) Having been disputed between Leibnitz and Archimedes.
- (c) Something that was not very accurate in the beginning.
- (d) Possible only after the logarithm had been invented.
- (e) The result of contributions of many people during a long period.

21. The foundations of calculus appear to have been conceived:

- (a) When Archimedes first employed the notion of limit.
- (b) In meetings between Isaac Newton and Gottfried Leibnitz.
- (c) Probably in the sixteenth century.
- (d) When Archimedes was occupied defending Syracuse from the Romans.
- (e) As a solution to pressing military needs.

PASSAGE THREE

As recent power struggles at Shell and Hollinger International have amply shown, well-organised and determined non-executive directors can be a powerful force to improve corporate governance by reining in over-mighty chief executives. In most rich countries, efforts are under way to make that force more reliable. Better governance, it is argued, comes from making non-executive directors more independent and giving them more work to do. But actually, that is only part of the answer – and has drawbacks. Much the most important change is to find ways of encouraging non-executive directors to behave independently. And that, perhaps surprisingly, turns out to be easier than it sounds.

Being a non-executive director – as opposed to a board member who is also part of the company's management – used to be a lovely job for distinguished folk with a little time to spare. A retired chief executive, a politician whose career had run out of steam, a lawyer; a seat on a company's board was a way to boost earnings and earn modest distinction. That cosiness changed with Enron: in the intervening years, regulators in most rich countries have placed new demands on directors. Directors themselves are more aware of the risk to their reputation. And, by common consent, the mood on boards is different. Non-executive directors take their task more seriously than ever before.

Of course, that is not true everywhere. The scandal at Parmalat is a reminder that there are still large companies in developed countries where the old regime has survived. The company's board bulged with members of the Tanzi family and bigwigs from Parma. The company opted out of a law that demands that listed Italian companies have independent directors on the board. Before the scandal broke in December, Parmalat's practices had put it at the bottom of Italian peers in a governance rating issued by Institutional Shareholders Service, a group that promotes good governance.

“Where's all the fun gone?” *The Economist*, March 20, 2004, p. 75.

Please answer the following questions by choosing the alternative that best corresponds to what is contained in the preceding passage:

22. Before the recent scandals involving companies such as Enron and Parmalat, the job of an outside director used to be seen as:
- (a) Very risky, but poorly paid.
 - (b) An appropriate job for active politicians.
 - (c) A job that could only be adequately performed if one was also a member of the company management.
 - (d) A job not well regarded by the individual director's own peers.
 - (e) The perfect job for someone with lots of time available.
23. As a method for improving the governance of corporations:
- (a) The inclusion of independent directors is the ideal solution.
 - (b) One needs to stimulate outside directors to act independently.
 - (c) The company has to avoid nominating family members to the board of directors.
 - (d) There must fewer demands on the outside director's job.
 - (e) Directors at companies such as Enron and Parmalat must be severely punished.

24. In Italy, the legislation gave Parmalat leeway to:

- (a) Choose not to nominate outside directors to its board.
- (b) Minimize the participation of family members in its board of directors.
- (c) Put itself at the top of corporate governance rankings.
- (d) Promote the implementation of good governance practices.
- (e) Place few demands on outside directors.

25. Better corporate governance will result only when:

- (a) Companies restrict the participation of controlling shareholders' family members on the board of directors.
- (b) Competent and knowledgeable lawyers are nominated to boards of directors.
- (c) Better corporate governance rankings are constructed.
- (d) Outside directors learn how to act independently.
- (e) Less risk-averse directors are nominated to boards of directors.

26. Após um ano da queda de Saddam Hussein, encontramos um Iraque com uma insurgência crescente e um alto índice de violência. Em abril de 2004 a capital Bagdá ainda desfrutava de apenas 12 horas de eletricidade por dia, e os soldados da coalizão não conseguem manter a frágil estabilidade conquistada um ano atrás. As cidades de Kut, Kufa, Fallujah e Najaf sofreram ataques de insurgentes sunitas, partidários do ex-presidente Hussein, e da milícia xiita Exército Mehdi. O saldo foram as mortes de 460 iraquianos e 51 soldados da coalizão. Os jornais de todo o mundo já falam de um novo Vietnã ou de uma intifada iraquiana.

Isso se refere respectivamente:

- (a) à presença dos EUA no Vietnã, entre 1964 e 1975, que só teve um fim pela pressão da opinião pública americana ao então presidente Nixon, que tempos depois foi preso por corrupção, e ao levante popular israelense que levou o conflito na faixa de Gaza ao conhecimento de toda a comunidade internacional e, onde a partir de então, o mundo se dividiu entre a causa palestina e a israelense.
 - (b) a uma guerra que durou de 1964 a 1975, a Guerra do Vietnã, onde os EUA, apesar do seu poderio bélico, foi derrotado pela guerrilha vietnamita e pelo grande impacto da cobertura televisiva sobre a opinião pública americana, e ao levante popular palestino contra a ocupação israelense na Faixa de Gaza, em dezembro de 1987, onde o exército de Israel foi atacado com paus e pedras e que chamou a atenção da comunidade internacional para a causa palestina.
 - (c) à participação dos EUA na guerra entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, guerra terminada em 1975, depois de muitas baixas de soldados americanos, com a vitória norte-americana, e ao levante americano no Camboja, na década de 1950, onde a população cambojana se posicionou contrária à invasão americana em seu território, mas foram derrotados pelos fuzileiros navais americanos.
 - (d) à defesa americana da cidade de Saigon, que se posicionava contrária à presença comunista dentro do Vietnã e que, apesar da ação popular vietnamita, conseguiu ser libertada em 1975, e ao levante palestino contra a ocupação israelense, realizada na década de 1970 e que teve uma ampla divulgação na mídia a ponto de, a partir de então, iniciar um longo debate sobre a possibilidade da fundação de um Estado Palestino.
 - (e) ao irracionalismo que foi a guerra do Vietnã, onde cerca de 50 mil soldados americanos perderam suas vidas na luta contra o comunismo e os EUA tiveram um prejuízo de 200 bilhões de dólares, e ao levante palestino, apoiado também pelos EUA, e que busca até hoje chegar a um acordo de paz entre judeus e palestinos na região da faixa de Gaza.
27. *“Não é fácil abastecer centros populacionais nascidos quase da noite para o dia. Havia gente demais para ser alimentada, vestida, calçada e abrigada. O abastecimento das minas tornou-se um problema que por vezes se apresentou quase insolúvel, sobrevivendo crises agudíssimas de fome, decorrentes da total carência de gêneros mais indispensáveis à vida”. (...) “Pela primeira vez no Brasil apareceu intenso comércio interno de artigos de subsistência: a circulação dos gêneros obrigou à abertura de vias de penetração no sertão, à criação de um sistema de transportes, baseado no mear”.*

ZEMELLA, Mafalda P. O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990, p. 190.

O texto acima fala sobre o impacto da descoberta das Minas Gerais no comércio e no transporte colonial brasileiro. Sobre esse fenômeno é correto afirmar que:

- (a) A posição geográfica das minas, longe da costa e dispersas em região montanhosa, e a dedicação quase exclusiva à mineração levou à dependência de outras regiões. A tropa de mulas foi a infra-estrutura desse sistema. As tropas vinham do Rio Grande do Sul, se concentravam na região de São Paulo em grandes feiras e a partir daí, eram distribuídas aos compradores de várias regiões e serviam às minas, um grande centro consumidor.
- (b) A descoberta de ouro nas Minas Gerais possibilitou uma ligação entre o norte brasileiro e a capital do império, o Rio de Janeiro. Tropas de mulas eram enviadas do norte à região das minas, carregadas de açúcar e gêneros alimentícios como a carne seca. Em seguida as tropas seguiam para o Rio de Janeiro carregadas de ouro para serem embarcadas para Portugal após o pagamento dos impostos.
- (c) Esse comércio foi o grande responsável pelo desenvolvimento do sudeste brasileiro. As mulas, criadas em São Paulo, eram enviadas às minas para servirem como meio de transporte. O transporte do ouro era feito por meio das tropas de muare até o Rio de Janeiro. Esse comércio foi responsável pelo enriquecimento dos bandeirantes paulistas, os garimpeiros de Minas Gerais e o governo português instalado no Rio de Janeiro.
- (d) O comércio de alimentos interligou boa parte do Brasil colonial tendo São Paulo como centro. Gêneros alimentícios vinham das regiões sul e norte para abastecer Minas Gerais, tendo São Paulo como entreposto. Esse comércio enriqueceu várias regiões do país, como o norte (produtor de charque). Do Rio Grande do Sul vinham as boiadas conduzidas por tropeiros, com parada em São Paulo.
- (e) Minas Gerais era o principal centro produtor de alimentos no século XVIII, mas não era capaz de atender a demanda das minas de ouro. Além disso, o comércio principal era de produtos manufaturados que vinham da Europa. Esses produtos chegavam pelo porto do Rio de Janeiro e eram transportados por tropas de muare até Minas Gerais, um caminho inverso ao feito pelo ouro encontrado nas minas.

28. *“Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos; ao contrário, servimos de modelo a alguns ao invés de imitar outros. Seu nome, como tudo depende não de poucos mas da maioria, é democracia. (...) Somos também superiores aos nossos adversários em nosso sistema de preparação para a guerra nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, mantemos nossa cidade aberta a todo o mundo e nunca, por atos discriminatórios impedimos alguém de conhecer e ver qualquer coisa que, não estando oculta, possa ser vista por um inimigo e ser-lhe útil. Nossa confiança se baseia menos em preparativos e estratagemas que em nossa bravura no momento de agir.(...) Somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr; para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação”.*

TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. 2ª. Edição, tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 98, 99.

Esses são trechos da Oração dos Mortos proferida por Péricles no inverno de 431-430 a.C. em honra dos mortos nas primeiras batalhas entre Atenas e Esparta. Mais do que isso, a oração representa uma afirmação das diferenças de valores entre atenienses e espartanos. Sobre o contexto histórico da Grécia Antiga e os valores em questão, podemos afirmar que:

- (a) Esse texto expressa as profundas diferenças entre o modo de vida dos atenienses e espartanos que existiam desde o século II a.C.. Enquanto Atenas privilegiava a democracia, Esparta era uma cidade-estado governada por ditadores militares. A liberdade política de Atenas foi decisiva na vitória contra os espartanos na Guerra do Peloponeso.
 - (b) Essa oração marca o fim da democracia na Grécia. As diferenças de pensamento entre espartanos e atenienses foram decisivas na derrota das cidades-estado gregas para a Macedônia. Aproveitando essa divisão, Felipe II derrotou os gregos e expandiu o império Macedônico. A oração de Péricles expressa o pesar pelo fim dos valores helênicos defendidos por Atenas.
 - (c) Péricles, governador de Esparta, expressa nessa oração o desprezo que tinha pelos atenienses. Para ele, Esparta era superior tanto militar quanto politicamente, porque defendia os verdadeiros valores gregos. A derrota na Guerra do Peloponeso foi seguida pela vitória dos espartanos na Batalha de Maratona, quando passaram a dominar toda a região.
 - (d) Esparta destacava-se, entre outras coisas, pela sua educação e disciplina militar. Havia uma especialização militar entre os espartanos, dando origem a um exército obediente e eficiente. Atenas, por outro lado, valorizava o debate e a argumentação em todas as situações, reforçando a idéia de Democracia. Essa oração ocorreu no momento em que Atenas sofreu uma grande derrota para Esparta na Guerra do Peloponeso.
 - (e) Atenas foi derrotada por Esparta, que contou com a ajuda de Felipe II da Macedônia na Guerra do Peloponeso. A partir de então, os valores atenienses, expressos na Oração dos Mortos, foram esquecidos em prol da organização militar espartana que propiciou a construção de um grande império em aliança com a Macedônia.
29. *“A maior revolução na alimentação humana ocorreu no período moderno com a ruptura no isolamento continental, quando o intercâmbio de produtos de diferentes continentes, que ocorreu no bojo da expansão colonial européia, alterou radicalmente a dieta de praticamente todos os povos do mundo. As especiarias asiáticas se difundiram para a Europa e chegaram aos outros continentes. As plantas alimentícias das Américas (...) propagaram-se pelo planeta. Gêneros tropicais (...) combinaram-se para fornecerem um novo padrão de consumo de calorias e de bebidas excitantes. Produtos típicos da Europa mediterrânica penetraram em todos os continentes.”*
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de, CARNEIRO, Henrique. A História da Alimentação: balizas historiográficas. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Série v. 5, p. 90-91, jan./dez. 1997.

Sobre esse fenômeno e seu contexto histórico podemos afirmar que:

- (a) Durante o período colonial, a África e a América forneceram vários alimentos para a Europa, como a mandioca, o milho e o açúcar. Ao mesmo tempo, a alimentação mediterrânea, à base de trigo (pães e massas), azeite e tomate, difundiu-se pelo continente americano com a chegada dos descobridores no século XVI. O café, originário da América, chegou à Europa no século XIX.
 - (b) As especiarias vindas do continente americano eram a principal moeda de troca dos países europeus, principalmente Portugal e Espanha, que tinham colônias no continente. Posteriormente as especiarias foram substituídas pelo café e pelo chocolate. Em troca desses produtos, as metrópoles forneciam às colônias trigo e vinho, que possuíam um valor mais alto, lucrando nesse comércio.
 - (c) O intercâmbio de diferentes produtos alimentícios ocorreu no bojo dos descobrimentos a partir do século XVI. Enquanto produtos como milho, batata e tomate foram levados para a Europa, o trigo e a uva acompanharam a colonização e a imigração na América. O café, vindo da África, aclimatou-se na América do Sul e difundiu-se para o resto do mundo a partir do século XIX.
 - (d) Os descobridores europeus aproveitaram-se de alimentos nativos da América para distribuí-los para o restante da Europa ao mesmo tempo em que introduziam seus hábitos alimentares no continente americano. Assim, produtos antes desconhecidos dos europeus, como trigo, milho e batata, foram cultivados em grande escala para suprir a demanda européia. Em contrapartida, produtos europeus, como chá e arroz foram trazidos para a América.
 - (e) A expansão comercial do século XIX foi a grande responsável pelo intenso contato entre várias culturas através de seus alimentos. Enquanto as colônias americanas forneciam açúcar para toda a Europa, eram abastecidas com produtos até então desconhecidos no continente, como a batata, o trigo e o arroz.
30. *“Passamos da ‘estética’ à ‘cosmética’ da fome, da idéia na cabeça e da câmera na mão (um corpo-a-corpo com o real) ao steadcam, a câmera que surfa sobre a realidade, signo de um discurso que valoriza o ‘belo’ e a ‘qualidade’ da imagem, ou ainda, o domínio da técnica e da narrativa clássicas. Um cinema ‘internacional popular’ ou ‘globalizado’ cuja fórmula seria um tema local, histórico ou tradicional, e uma estética ‘internacional’.”*

Ivana Bentes. ‘Cosmética da fome’ marca cinema do país. Jornal do Brasil, 8 de julho de 2001.

Ivana Bentes expressa nesse texto uma crítica polêmica ao atual cinema brasileiro. Esse artigo marcou o debate entre dois momentos de nossa cinematografia, expresso na oposição entre ‘estética da fome’ e ‘cosmética da fome’, referindo-se ao cinema brasileiro produzido na década de 60 e a partir dos anos 90, respectivamente. Sobre o contexto destas cinematografias e o debate expresso no artigo, podemos afirmar que:

- (a) A expressão ‘estética da fome’ está relacionada a cineastas como Glauber Rocha e Rogério Sganzerla, principais nomes do Cinema Novo na década de 60. Esses filmes, cujo lema era “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, privilegiariam a mensagem política. Os filmes da chamada retomada do cinema nacional no final dos anos 90, são identificados por procurar dar um melhor tratamento técnico, abrindo espaço no mercado internacional.

- (b) A idéia de um cinema pobre, sem grandes investimentos, surgiu na Boca do Lixo em São Paulo na década de 60. Cineastas como Júlio Bressane e Ozualdo Candeias faziam filmes sem financiamento da Embrafilme. A partir do final dos anos 90, com grande investimento estatal, surgiram novos cineastas e filmes como “Central do Brasil” e “Cidade de Deus”, que concorreram ao Oscar.
 - (c) O cineasta Nelson Pereira dos Santos foi o criador da expressão ‘estética da fome’ com o lançamento de seu filme “Rio 40 graus”, um retrato cru sobre a vida nas favelas do Rio de Janeiro. Para alguns, filmes como “Cidade de Deus” teriam retomado esse tema, mas sem a discussão política de Nelson Pereira dos Santos, privilegiando aspectos técnicos e glamurizando a pobreza.
 - (d) O debate entre ‘estética’ e ‘cosmética da fome’ está relacionado ao renascimento dos documentários. Cineastas como Sylvio Tendler sempre estiveram preocupados com a história brasileira, e acusam os novos documentaristas de se preocuparem excessivamente com aspectos técnicos, produzindo documentários mais bem acabados, voltados para o mercado internacional.
 - (e) A expressão ‘estética da fome’ foi cunhada pelo cineasta Glauber Rocha em 1965 no contexto do chamado Cinema Novo, tentando dar um novo sentido, através do cinema, ao problema da fome e da pobreza no terceiro mundo. Em oposição, filmes como “Cidade de Deus” e “Central do Brasil” foram acusados de um distanciamento dessa discussão política, apresentando por outro lado, um melhor acabamento técnico.
31. Em 2004 a cidade de São Paulo comemorou 450 anos de sua fundação. Para isso, iniciou uma recuperação de sua área central, principalmente da região historicamente conhecida como “Triângulo”. Identifique a alternativa que define corretamente essa região.
- (a) O núcleo original da cidade de São Paulo engloba a região da Sé, largo São Francisco e Pátio do Colégio. As igrejas destas três localidades formam os vértices desse triângulo que compunha o sítio original da povoação e que deu origem ao chamado centro velho.
 - (b) Trata-se da região situada entre as ruas São Bento, Direita e Quinze de Novembro, que formam a figura de um triângulo. Essa área é parte do centro velho de São Paulo, em oposição ao centro novo do outro lado do Vale do Anhangabaú.
 - (c) O centro velho de São Paulo é formado pela região da Praça da Sé, largo São Bento e do outro lado do Vale do Anhangabaú pela Praça da República. Essa região forma um triângulo delimitado pelos rios Tamanduateí, Anhangabaú (canalizado) e Saracura (canalizado).
 - (d) A cidade de São Paulo tem como ponto de origem o Colégio dos Jesuítas na região que hoje chamamos de centro velho e cresceu em direção à Várzea do Carmo (atual região do Parque D. Pedro II). Essa é a região histórica do triângulo.
 - (e) O mapa da cidade de São Paulo no século XVI, quando de sua fundação, forma uma figura que lembra um triângulo. Essa região originalmente englobava o atual centro de São Paulo e a região do Brás e o Parque D. Pedro II.

32. A Cabanagem, ou Revolta dos Cabanos, ocorrida em 1835, marcou um período de revoltas iniciado com a abdicação de D. Pedro I do trono brasileiro em favor de seu filho, D. Pedro II. Sobre essa revolta, podemos dizer que:
- (a) Trata-se de uma revolta ocorrida durante o governo da Regência. Contou com forte participação popular, principalmente de índios, mestiços e colonos pobres que se rebelaram contra o governo estabelecido a partir do Rio de Janeiro, capital do Império.
 - (b) Foi uma revolta de cunho burguês, que desejava derrubar a monarquia e estabelecer um governo republicano no Brasil. Foram cruelmente massacrados pelas tropas leais ao governo monárquico.
 - (c) Foi uma revolta de escravos liderada por Zumbi, que desejava estabelecer uma república em Palmares e acabar com a escravidão. Aproveitaram-se da fraqueza do governo central com a abdicação de D. Pedro I.
 - (d) Foi uma revolta da elite paraense contra a corte portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro, inspirada pelos ideais da Revolução Francesa. Teve participação das camadas populares, que exigiam maior participação política no novo governo regencial.
 - (e) Trata-se de uma rebelião dos senhores de engenho em Pernambuco contra as altas taxas de imposto cobradas pelo governo imperial no período da Regência. Com a abdicação de D. Pedro I passaram a exigir uma maior participação política e econômica.
33. A eleição presidencial em Taiwan, no dia 2 de março de 2004, reelegeu o presidente Chen Shui-bien do Partido Democrático Progressista, cujo programa histórico exige a soberania do país frente ao governo da China. Sobre as relações entre China e Taiwan, podemos afirmar que:
- (a) Taiwan é uma região encravada no centro da China, que se rebelou contra o governo comunista de Mao Tsé Tung nos anos 50. Desde então, tenta conseguir sua autonomia desafiando o governo chinês, apesar de não ser reconhecida por muitos países, como o Brasil.
 - (b) Taiwan está sob controle da Inglaterra desde o século XIX. Os governos da China e da Inglaterra estabeleceram para o ano de 2008 uma consulta popular para decidir o futuro de Taiwan seguindo o mesmo caminho de Hong Kong.
 - (c) Os nacionalistas chineses foram derrotados pelos comunistas e se refugiaram em Taiwan em 1949. Desde então a China considera Taiwan como província rebelde e não reconhece sua autonomia.
 - (d) Taiwan foi tomada pelo Japão na Segunda Guerra Mundial e com o final da guerra decretou sua independência. Desde então, a China tenta restabelecer o controle da ilha, a qual considera como sua província.
 - (e) A República Popular da China e a República Democrática da China (Taiwan) brigam na ONU pelo direito de usar o nome China. O Brasil é um dos países que apoiam Taiwan na ONU.

34. O atentado de 11 de março de 2004 nos trens metropolitanos em Madri trouxe uma nova onda de medo e insegurança ao cenário mundial. Primeiro foram os EUA, em 11 de setembro de 2001, agora é a vez da Europa sentir na pele a vulnerabilidade diante de um grande ataque terrorista. O governo espanhol, num primeiro momento, e para muitos precipitadamente, culpou o grupo ETA como o responsável pelo atentado. Essa forte suspeita recaiu sobre esse grupo pelo fato:

- (a) do ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade), grupo separatista basco de clara tendência stalinista-leninista, ser o responsável nos últimos 40 anos por vários ataques terroristas em solo espanhol, que já mataram mais de 800 pessoas.
- (b) da Espanha ter auxiliado os EUA e a Inglaterra na guerra contra o Iraque (2003), guerra essa contrária aos interesses islâmicos e de uma facção do grupo separatista basco ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade).
- (c) do ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade), grupo nascido em 1959 com o objetivo de recuperar por via armada a autonomia e a independência das províncias bascas no norte da Espanha perdidas na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), ser o responsável nos últimos 40 anos por violentos ataques terroristas dentro da Espanha.
- (d) da Espanha vivenciar nos últimos 40 anos de sua história violentos ataques terroristas assumidos pelo ETA, grupo separatista basco, que cada vez mais se pretende integrado aos movimentos revolucionários internacionais, como o IRA e as Brigadas Vermelhas Italianas, o que define claramente sua ligação com a Al-Qaeda.
- (e) do ETA, Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade), grupo fundado na década de 1940, e que em sua história vivenciou o surgimento de novas facções como o ETA V (1966) e o ETA-M (1975), alas militares que se pretendem integradas aos movimentos revolucionários internacionais e que trouxeram mais mortes e violência à Espanha nos últimos anos.

35. *“Não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade das suas esperanças. Os rosários não podem ser erguidos contra aqueles que reclamam a discriminação da propriedade da terra, hoje ainda em mãos de tão poucos, de tão pequena minoria.”*

(Discurso proferido por João Goulart no dia 13 de março de 1964 na Central do Brasil.)

Em seu famoso comício da Central do Brasil, João Goulart faz uma referência à “Cruzada do Rosário”, lançada nos EUA em 1945, que propunha o uso do símbolo católico contra o avanço comunista. Esta campanha, que atingiu outros lugares do mundo, chegou ao Rio de Janeiro em 1962. Em decorrência desse comício:

- (a) marchas lideradas pelas entidades IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) se articularam a favor de Jango chegando a reunir 100 mil pessoas na Praça da Sé e 500 mil no comício da Guanabara.
- (b) entidades femininas como a Camde (Campanha da Mulher pela Democracia), a Limde (Liga da Mulher Democrata) e a UCF (União Cívica Feminina) se opuseram ao discurso da Central do Brasil e auxiliariam na campanha de desestabilização do governo João Goulart.

- (c) estudantes da UNE (União Nacional de Estudantes) e da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), se posicionaram a favor de João Goulart, assim como importantes entidades femininas que enxergavam nas reformas um maior espaço político para a mulher brasileira.
- (d) as esquerdas e os udenistas apoiaram o discurso de Jango e se posicionaram a favor das reformas de base propostas pelo governo, entre elas a legalização do Partido Comunista, a extensão do voto aos analfabetos e a realização da Reforma Agrária.
- (e) o exército brasileiro, que naquele momento possuía uma grande articulação política, rapidamente se uniu numa conspiração centralizada e coordenada, e planejou a Revolução de 64, antevendo um governo militar que duraria mais de 20 anos.

36. Conhecidos como floresta de mangue ou simplesmente mangues, os manguezais espalham-se pela zona tropical de todo o mundo, numa área aproximada de 20 milhões de hectares. Só no Brasil existem cerca de 25 km² distribuídos por toda a sua faixa litorânea, desde o Amapá até Santa Catarina.

Sobre os manguezais:

- (a) são áreas de pouco interesse para a ocupação humana e portanto se mantêm preservadas ao longo de uma extensa faixa litorânea no Brasil.
- (b) são encontrados nesse ambiente certos caranguejos e ostras que se deslocam para essa área apenas em uma fase de suas vidas, mas a maior parte da fauna é composta por animais marinhos que passam toda a sua vida nesse ambiente.
- (c) são áreas que recebem uma grande quantidade de sedimentos e em consequência disso seu solo, rico em matéria orgânica, é firme, permitindo a fixação de árvores.
- (d) a preservação desse ecossistema pode trazer grandes benefícios ao homem, que pode aproveitá-lo economicamente através da agricultura, da extração de madeira e de seu uso para áreas industriais e urbanas.
- (e) é um ecossistema de importante produtividade, e que apesar de estarem preservados em alguns Parques Estaduais, como o da Juréia, já desapareceram quase por completo em Santos, no Rio de Janeiro, em Paranaguá e na Baía de Todos os Santos.

37. O movimento constitucionalista de 1932, através de suas lideranças oligárquicas, utilizou uma vasta mobilização ideológica como forma de transformar a “causa de São Paulo” na causa de todos os grupos da sociedade paulista.

Sobre o ideário de 32 destaca-se:

- (a) o papel da mulher paulista, enaltecida pela sua abnegação, desprendimento e espírito de renúncia ao mandar seus filhos, maridos e noivos para as frentes de batalha, independente de seu lugar na sociedade, fossem damas ou filhas do povo.
- (b) o papel do clero paulista, que lutou de armas nas mãos contra a ditadura de Getúlio Vargas, enaltecido por ter defendido os direitos da “gente de São Paulo”, e por falar em nome do povo e das massas em geral.

- (c) a constituição, restabelecê-la foi a bandeira do movimento; em torno desse tema mobilizou-se apenas São Paulo que propunha uma dura intervenção em todo o país para sua implantação.
- (d) a campanha do ouro, que atingiu indistintamente todas as classes sociais, ressaltando o valor moral das doações e valorizando mais o ouro vindo das altas camadas paulistas, demonstrando o desprendimento desse grupo.
- (e) o papel da criança paulista, que em várias propagandas chamava seus pais a participarem a favor da causa paulista, por suas vidas e pelo seu futuro, e chegando a se unir aos pais nas frentes de batalha.

38. O México, em 1910, foi palco de uma revolução sem um programa prévio, ao contrário da Revolução Bolchevique de 1917. Uma revolução nascida do descontentamento popular com o governo de Porfirio Díaz, baseado na grande propriedade, na ausência de liberdades democráticas e na negação das fortes tradições indígenas do país.

Sobre essa revolução é correto afirmar:

- I) que ela nasceu da fome de terras, devido à extrema concentração de terras em pouquíssimas mãos, expressa em um grito: “**Tierra y libertad**”.
 - II) que nela participou Emiliano Zapata, descendente de índios e espanhóis, líder popular que enfrentou tropas federais no sul e no norte do México e foi assassinado em 1919.
 - III) que dela nasceu um grupo de jovens pintores dispostos a expressar o espírito revolucionário em grandes murais nos prédios públicos, entre eles **Orozco** (1883-1949), **Siqueiros** (1896-1974) e **Rivera** (1886-1957).
 - IV) que nela participou Pancho Villa, autor do **Plano de Ayala**, um manifesto pela reforma agrária que se tornou um símbolo de luta pela terra em toda a América Latina.
- (a) I e II são verdadeiras.
 - (b) II e III são verdadeiras.
 - (c) I e III são verdadeiras.
 - (d) I, III e IV são verdadeiras.
 - (e) I, II e III são verdadeiras.

39. Abril de 2004 marcou o aniversário de dez anos do genocídio ocorrido em Ruanda. Os culpados ainda não foram devidamente julgados e as cicatrizes ali abertas estão longe de serem curadas. Para muitos especialistas a comunidade internacional, na época, se posicionou de forma indiferente e até hoje deve explicações ao mundo sobre essa postura.

Entre os acontecimentos deste genocídio temos:

- (a) os cem dias de mortes e mutilações realizadas pela minoria étnica tutsi sobre a maioria hutu, logo após o assassinato do presidente hutu Juvenal Habyarimana, morte causada pela FPR (Frente Patriótica de Ruanda).

- (b) os cerca de 800 mil mortos em cem dias, após a explosão do avião que levava o presidente de etnia tutsi Juvenal Habyarimana, acarretando uma verdadeira guerra civil entre todos os ruandeses.
 - (c) a participação da Frente Patriótica de Ruanda (FPR) no assassinato do presidente Habyarimana, de etnia tutsi, o que levou os extremistas tutsis a conclamarem o povo a se vingar da maioria étnica hutu.
 - (d) o ataque à minoria tutsi, cerca de 800 mil mortos, pela maioria hutu, ocorrido após a explosão do avião do presidente hutu Habyarimana, e o assassinato de hutus moderados que se recusaram a participar do genocídio.
 - (e) a participação de cidadãos comuns munidos de facões, ganchos, machados e espingardas que assassinaram e saquearam as casas de seus vizinhos, numa verdadeira guerra étnica entre a maioria tutsi e a minoria hutu.
40. Em 1859 Charles Darwin publicou seu livro **A origem das espécies**. Nesta obra o autor defendia a tese de que a seleção natural determina quais membros de uma espécie têm maiores chances de sobrevivência. A aplicação das idéias de Darwin às teorias sociais trouxe:
- (a) uma grande inquietação no meio religioso, que via em suas afirmações a possibilidade dos fiéis se afastarem da prática de tomar a Bíblia como uma referência em questões científicas.
 - (b) uma justificativa na divisão na existência de um mundo desenvolvido e um outro subdesenvolvido, onde a teoria da evolução explicaria a necessidade do auxílio mútuo, entre os povos, como meio de todos atingirem o mesmo patamar de desenvolvimento.
 - (c) a certeza de que a colonização da Ásia e da África era necessária para o implemento de uma sociedade socialista, capaz de caminhar rumo ao progresso e de chegar ao ápice da civilização.
 - (d) o discurso da divisão entre os povos capazes e os incapazes, as raças superiores e inferiores que estariam numa constante luta pela sobrevivência, levando à conclusão de que o conflito racial e nacional era uma necessidade biológica e um meio para o progresso.
 - (e) o fortalecimento do nacionalismo, do militarismo, da divisão entre brancos e negros, colonizadores e nativos, e onde o famoso tema do “fardo do homem branco” teve lugar durante todo o século XX, permanecendo até os dias de hoje.

49. Um pintor de grandes telas dispunha de duas latas com um litro de tinta cada uma. Na lata **A**, havia tinta azul e na lata **B**, pura tinta branca. Ele retirou 250 mililitros da lata **A** e despejou na lata **B**, misturou homogeneamente as tintas e retirou 250 mililitros da mistura, que devolveu à lata **A**, obtendo também uma mistura homogênea. Suponha que não tenha havido transbordamento e que a perda de tinta no processo todo é desprezível. É **incorreto** afirmar que
- (a) a mistura resultante na lata **A** tem 80% de tinta azul.
 - (b) no processo todo ele colocou $\frac{1}{3}$ a mais de tinta azul na lata **B** em relação à quantidade de tinta branca que foi para lata **A**.
 - (c) se ele tivesse retirado a princípio 250 mililitros da lata **B** e feito o mesmo processo, teria obtido o mesmo resultado final.
 - (d) a mistura resultante na lata **B** tem 20% de tinta azul.
 - (e) se ele misturar os conteúdos das duas latas obterá uma mistura com 50% de tinta azul.
50. Considere os pontos do plano cartesiano da forma $(a_n; b_n)$, com n inteiro positivo, em que a_n e b_n são os elementos de ordem n das progressões geométricas de primeiros termos respectivamente iguais a 4 e 5, ambas de mesma razão, não nula. Passa por todos estes pontos
- (a) a parábola de equação $y = x^2 + 1$.
 - (b) a reta que também passa pela origem e tem coeficiente angular igual a 0,8.
 - (c) a parábola de equação $y = x^2 - 2x + 2$.
 - (d) a reta que também passa pela origem e tem coeficiente angular igual a 1,25.
 - (e) a reta que também passa pelo ponto $(1, 1)$ e tem coeficiente angular igual a 1,25.
51. O tempo em segundos que um candidato gasta para resolver um teste de matemática num determinado vestibular é dado por

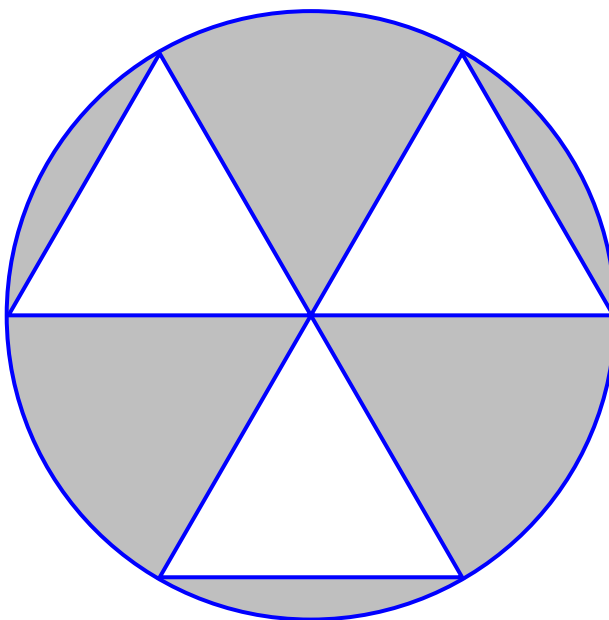
$$f(n) = \log_{2^{24}}(n + 2)^{2004} - 13,9,$$

em que n é o número de testes que o candidato já resolveu. Considerando que $3^9 \cdot 5^4 \cdot 7^3 \cdot 11 \cdot 13 \cdot 17 \cdot 19 \cong 2^{50}$, para resolver uma prova de matemática com 20 testes um candidato gastará aproximadamente

- (a) 1h.
- (b) 1h10min.
- (c) 1h20min.
- (d) 1h30min.
- (e) 1h40min.

Utilize as informações abaixo para responder as questões 52 e 53.

Considere na figura o desenho de uma piscina que uma pessoa está projetando para sua casa de campo. A região sombreada representa água e os triângulos equiláteros serão ilhas para banho de sol. Suponha que a circunferência da piscina tenha 16 metros de raio. Adote $\pi = \frac{13}{4}$ e $\sqrt{3} = \frac{7}{4}$.



52. Se a profundidade da piscina for de 150 cm, o volume de água necessário para enchê-la será aproximadamente igual a
- (a) 736 m³.
 - (b) 738 m³.
 - (c) 740 m³.
 - (d) 742 m³.
 - (e) 744 m³.
53. Para que não haja vazamento, toda a parede (incluindo o fundo) da piscina deve receber uma camada de impermeabilizante. Se cada galão de impermeabilizante é suficiente para cobrir uma área de aproximadamente 80 m², serão necessários para impermeabilizar toda a piscina
- (a) 10 galões.
 - (b) 11 galões.
 - (c) 12 galões.
 - (d) 13 galões.
 - (e) 14 galões.

Utilize as informações abaixo para responder as questões 54 e 55.

Uma companhia de telefonia celular está procurando o melhor ponto de um determinado quarteirão retangular de São Paulo para instalar uma antena de comunicação. O alcance esférico r de uma antena como esta é dado como função da altura c que a antena dista do chão através da função

$$r = 34c - c^2.$$

Considere que as grandezas c e r são dadas em metros.

54. A altura em que a antena deve estar posicionada para que seu alcance ainda chegue ao chão é
- (a) 17 metros.
 - (b) 41 metros.
 - (c) 25 metros.
 - (d) 29 metros.
 - (e) 33 metros.
55. Se identificarmos uma das esquinas desse quarteirão como o ponto $O = (0, 0, 0)$ e admitirmos que os eixos Ox e Oy representam as duas ruas delimitadoras do quarteirão que passam por esta esquina, então a equação da superfície esférica de alcance da antena posicionada no ponto (a, b, c) é dada por

$$(x - a)^2 + (y - b)^2 + (z - c)^2 = r^2.$$

Considere que as grandezas a e b também são dadas em metros.

Para que

- r seja o maior possível e
- a antena esteja sobre o plano vertical orientado pela bissetriz do ângulo xOy , de tal forma que a esquina O pertença à sua superfície esférica de alcance

a posição da antena deve ser

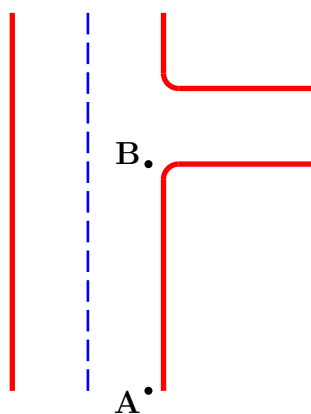
- (a) (204,204,17)
- (b) (102,102,34)
- (c) (102,204,17)
- (d) (204,102,17)
- (e) (204,204,34)

56. O tempo em minutos que um motorista leva para ir do início da avenida representada abaixo (ponto **A**) até o primeiro cruzamento com uma rua em que se pode dobrar à direita (ponto **B**) é dado por

$$t = \log_2(n^2 + 2),$$

em que $0 \leq n \leq 1000$ é o número de carros que entraram na avenida (ponto **A**) no último minuto antes do motorista em questão. A probabilidade de um motorista, por conta do trânsito, decidir dobrar à direita em **B** é uma função do tempo t que o motorista gastou no trecho **AB**, dada por

$$p = \frac{t}{20}.$$



Se a probabilidade de um determinado motorista dobrar à direita em **B** é igual a x , então no minuto precedente à sua passagem por **A**, entraram na avenida

- (a) $\sqrt{20^{2x} - 2}$ veículos.
- (b) $\sqrt{20^{2x} + 2}$ veículos.
- (c) $\sqrt{2^{20x} - 2}$ veículos.
- (d) $2^{\sqrt{20x}-2}$ veículos.
- (e) $2^{\sqrt{20x}+2}$ veículos.

57. A Câmara de um determinado município é composta de 45 vereadores, sendo $\frac{4}{9}$ deles da base governista, $\frac{1}{3}$ de oposição e o restante proveniente de partidos pequenos, que não são nem governistas nem de oposição. Para votar qualquer projeto de lei municipal, é necessário que estejam presentes pelo menos um vereador de cada um dos três grupos citados. Se a única informação que o prefeito deste município dispõe durante cada reunião da Câmara é o número de vereadores presentes, para ter certeza de que os projetos de lei municipal em pauta naquele dia serão votados, é necessário que ele obtenha o número mínimo de
- (a) 10 vereadores presentes.
 - (b) 11 vereadores presentes.
 - (c) 20 vereadores presentes.
 - (d) 35 vereadores presentes.
 - (e) 36 vereadores presentes.
58. Considere a seguinte declaração:

Ou o ex-prefeito não é corrupto, ou houve desacato a autoridade, mas não ambos.

Assinale a alternativa que apresenta a negação formal desta declaração.

- (a) *Para que tenha havido desacato a autoridade é necessário e suficiente que o ex-prefeito seja corrupto.*
 - (b) *Ou o ex-prefeito é corrupto, ou não houve desacato a autoridade, mas não ambos.*
 - (c) *Para que não tenha havido desacato a autoridade é necessário e suficiente que o ex-prefeito seja corrupto.*
 - (d) *Se não houve desacato a autoridade então o ex-prefeito é corrupto.*
 - (e) *Se o ex-prefeito é corrupto então houve desacato a autoridade.*
59. No pátio de uma oficina mecânica existem 12 carros para serem consertados. Os cinco mecânicos desta oficina têm uma estranha maneira de trabalhar: eles se sentam ao redor de uma mesa, sorteiam entre si uma dupla de mecânicos que irá consertar um dos carros quebrados do pátio, enquanto os outros três ficarão esperando. Depois que a dupla sorteada finaliza o carro que lhe foi destinado, os dois mecânicos que a compunham voltam para a mesa e é feito um novo sorteio, até que todos os carros estejam consertados. É correto afirmar que
- (a) no máximo duas duplas irão consertar mais do que um carro.
 - (b) existe pelo menos uma dupla que não será sorteada.
 - (c) cada um dos mecânicos será sorteado pelo menos uma vez.
 - (d) pelo menos uma dupla irá consertar mais do que um carro.
 - (e) todas as possíveis duplas consertarão pelo menos um carro.

60. Considere as seguintes declarações:

A: Se fossem cortados 8.000 cargos de vereadores em todo país, então o salário mínimo subiria mais R\$5,00.

B: O salário mínimo não subiria mais R\$5,00 somente se não houvesse vontade política do governo.

C: 8.000 cargos de vereadores seriam cortados em todo país se o salário mínimo não subisse mais R\$5,00 e houvesse vontade política do governo.

É correto afirmar que

- (a) para que as declarações dadas em **A** e **B** sejam falsas é necessário que a declaração dada em **C** seja verdadeira.
- (b) para que as declarações dadas em **A** e **B** sejam falsas é suficiente que a declaração dada em **C** seja verdadeira.
- (c) para que as declarações dadas em **A** e **B** sejam uma verdadeira e a outra falsa é necessário e suficiente que a declaração dada em **C** seja falsa.
- (d) para que a declaração dada em **B** seja falsa é necessário que a declaração dada em **C** seja falsa.
- (e) para que a declaração dada em **C** seja falsa é suficiente que a declaração dada em **A** seja verdadeira.

Por um véu

OTAVIO FRIAS FILHO

Desde o final do ano passado, agita-se na França uma polêmica que parece frívola, mas que diz muito sobre as tensões entre religião e democracia no mundo atual. Uma comissão que assessora o presidente Chirac recomendou a proibição, nas escolas públicas, do véu usado por mulheres muçulmanas para cobrir o rosto. A proibição decorreria do princípio republicano de que o Estado é laico.

Esse princípio foi implantado em definitivo na França em 1905, como resultado do célebre caso Dreyfuss. Além do véu (e por uma questão de coerência), a comissão presidencial recomendou também a proibição do quipá, o gorro usado por judeus, e de crucifixos de dimensões ostensivas. Tais símbolos seriam considerados agressivos num cenário que deveria ser de neutralidade religiosa, como a escola pública num Estado laico.

A maior comunidade islâmica da Europa vive na França - cerca de 5 milhões de pessoas. Mesmo assim - ou talvez por isso mesmo - a maioria dos franceses (57%) apóia a proibição. Chirac enviou a proposta ao Parlamento. Se ela se converter em lei, será curioso ver um Estado laico agindo de forma fundamentalista, pois não parece crível que o uso do véu exorbite o direito de expressão individual, outro princípio republicano.

Mais interessante do que tomar partido, porém, é examinar as contradições implicadas num caso como esse. Para defender seu ponto de vista, os fundamentalistas recorrem à norma republicana de que é lícito todo comportamento que não fira direitos alheios. De fato, que direito está sendo agredido pelo uso do véu (ou do quipá ou de um crucifixo tamanho gigante), exceto uma noção robespierriana, quase "religiosa", de Estado laico?

Para complicar, outro argumento é invocado pelo lado laico. O véu seria símbolo da opressão da mulher nas culturas islâmicas. Muitas meninas são obrigadas pelos familiares a envergá-lo com o propósito de perpetuar essa forma de opressão, que não deveria ser tolerada numa república democrática. A lei "libertária" essas garotas, embora não se pergunte se elas o desejam nem se estranhe que uma libertação seja obtida à força.

Ao contrário dos Estados religiosos, o Estado democrático ocidental confina a religião nos limites da privacidade de cada pessoa e se propõe a respeitar as diferenças entre elas. A noção de que outras culturas têm valores tão legítimos como os nossos é uma invenção do iluminismo europeu. Mas esse mesmo iluminismo estipula que certos direitos são universais e devem prevalecer sobre quaisquer particularidades de cultura local.

O véu islâmico é mais ou menos inofensivo, mas o nó da contradição fica mais claro quando pensamos no hábito de extirpar o clitóris das recém-nascidas, costume ancestral em certas regiões da África subsaariana. Deve ser respeitado como manifestação autêntica de uma cultura milenar? Ou deve ser combatido de todas as formas, porque o direito à integridade do corpo é um valor universal?

A maioria de nós se inclina pela segunda opção. Mas qual o limite da interferência? Combater a mutilação feminina é tão diferente assim de outorgar ao Iraque, digamos, uma democracia como a nossa? Nossa cultura confia na ciência para distinguir o que é relativo do que não é. Mas, sempre que pensamos a respeito, novas contradições surgem, e mesmo a confiança na ciência é uma questão de crença. (*Folha de S. Paulo*, 15.01.2004)

Considerando o texto acima, desenvolva sua redação sobre o seguinte tema:

Os limites de interferência do Estado sobre o direito de expressão individual.

Nome: _____ No. de inscrição: _____

Os limites de interferência do Estado sobre o direito de expressão individual.

4

RASCUNHO
DA REDAÇÃO

8

12

RASCUNHO
DA REDAÇÃO

16

20

RASCUNHO
DA REDAÇÃO

24

28

Nome: _____ No. de inscrição: _____

Os limites de interferência do Estado sobre o direito de expressão individual.

4

8

12

16

20

24

28